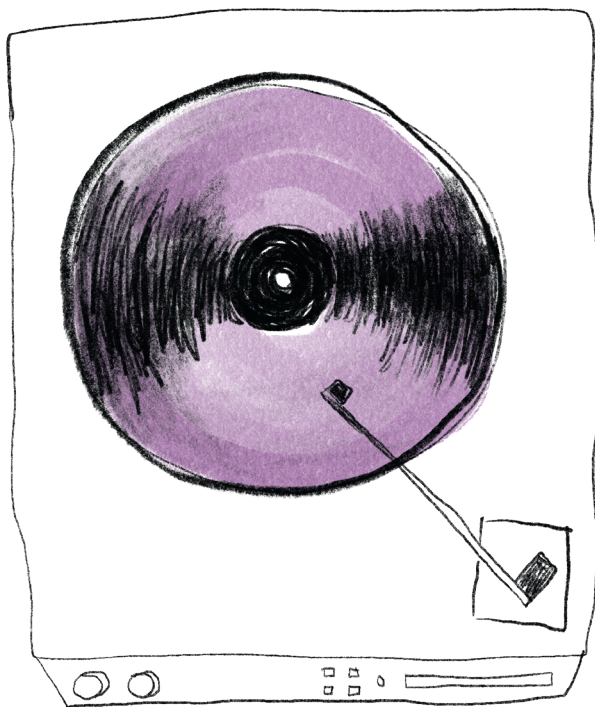


# GUIMARÃES JAZZ

32ª edição

---



9—18 novembro  
2023

# GUIMARÃES JAZZ

Guimarães Jazz 2023

Comissão Organizadora /

*Organization Committee*

A Oficina

Câmara Municipal de Guimarães

Convívio Associação Cultural

Programação Artística /

*Artistic Programming*

Ivo Martins

Texto / *Text*

Ivo Martins

Textos dos Concertos /

*Texts of the Concerts*

Manuel João Neto

Traduções / *Translations*

Manuel João Neto

Design gráfico / *Graphic design*

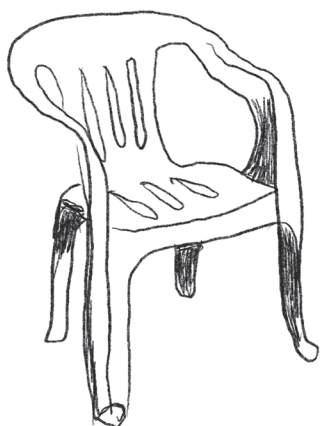
Susana Sousa

Ilustrações / *Illustrations*

Eduarda Fontes

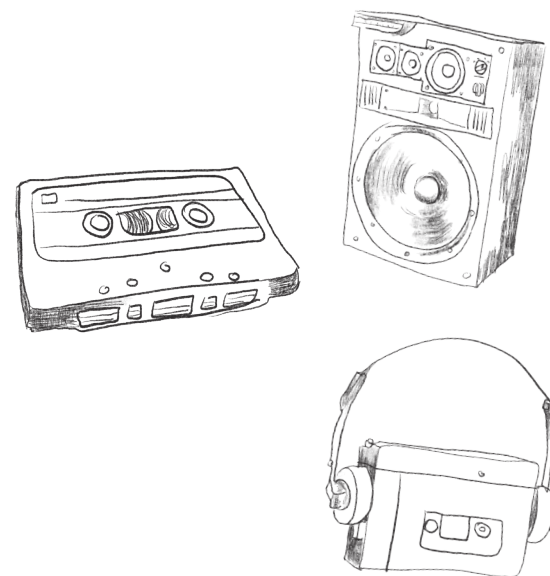
32ª EDIÇÃO

# A CADEIRA VAZIA



Ivo Martins

Se verdadeiramente o quisermos compreender, o fenómeno jazzístico tem de ser enquadrado nas grandes correntes sociais e musicais do século XX e XXI, e não em análises desinseridas da realidade onde ele evoluiu. Através da observação das diversas alterações ocorridas podem estabelecer-se relações entre o jazz e uma miríade de outros fatores, criando novas composições como se fossem micro-histórias aparentemente sem conexão. A arte, a tecnologia, a cultura, a sociedade, enfim, o mundo, manifestam-se em conjunto sob diferentes modos, em muitos casos desarticulados. Há nas mudanças um fator aleatório e imprevisível, refundado no relato detalhado e significativo de factos importantes que são, geralmente, pouco valorizados. O tempo e o espaço comprimem-se num campo histórico informe que une pensamentos, alusões, ideias, causas, consequências, razões, explicações, argumentos, invenções, descobertas técnico-científicas e jogos de poder. Tudo isto compõe um material irregular e desviante, sem direção definida. As temáticas estão entregues a si mesmas, aparecendo, desaparecendo e reaparecendo em campos de estruturação nem lineares, nem cronológicos, revelando-se, em certo sentido, anti-históricos. Os conteúdos das diversas histórias do jazz são, portanto, abundantes em respostas, nem sempre perceptíveis e nem sempre calculados, sendo impossível integrar num enorme conjunto de ideias um todo coerente e definitivo. Para os entender é necessário que se desenvolvam alguns tópicos decorrentes de uma história múltipla e fractal nas suas ressonâncias e consequências semânticas; as palavras “jass”, “jazz”, “pop”, “rock ‘n’ roll”, “blues”, “ragtime”, “hip-hop”, “rap”, “estúdio de gravação”, “indústria discográfica”, “tabelas de vendas”, “disco vinil”, “cassete”, “compact-disc”, “Internet”, “pirataria”, “Mp3”, “sampler”, “streaming”, entre muitas outras que designam tecnologias de captação, armazenamento ou manipulação da música, surgem como componentes de uma linguagem de reordenamento cultural que determina a música popular do século XX.



Em 1957 foi lançada a estereofonia, uma invenção que representou ganhos qualitativos importantes para a edição discográfica. Mais tarde, em 1980, com o aparecimento do gravador de cassetes de fita magnética, verificou-se outro grande avanço centrado na componente portátil da música. Este avanço tecnológico aparentemente inocente provocou de imediato uma queda nas vendas de álbuns. A indústria discográfica ressentiu-se deste abrandamento, temendo o pior. Contudo, o referido decréscimo, como se veio a provar, não prejudicou grandemente os seus lucros. Entretanto foram surgindo novas tecnologias de gravação e reprodução, como o cartucho de fita magnética (rapidamente caído em desuso), as cassetes VHS, que também permitiam gravar música, a mini-cassete, o minidisc e, finalmente, o CD. No entanto, foi com a massificação do uso da internet que se deu o verdadeiro salto no desconhecido. Numa primeira fase, esta não apresentava grande potencialidade técnica; não havia recursos técnicos disponíveis para reconverter num ficheiro digital as músicas de um CD ou de um disco vinil. Foi preciso esperar algum tempo para que se inventasse um ficheiro pouco pesado capaz de armazenar música; um programa para o reproduzir; um aparelho para extrair a música de um suporte analógico para formato digital; e software informático para comprimir essa informação por forma a torná-la menos pesada, permitindo a sua circulação em rede. Para reunir todas estas condições foram necessários anos de investigação e sucessivas melhorias; movimentar o ficheiro de um álbum via internet e arquivá-lo em qualquer lugar disponível, dentro de uma rede de utilizadores que crescia diariamente de forma imparável, pressupôs o desenvolvimento de inúmeras soluções tecnológicas. O formato mp3 e, posteriormente, o streaming foram algumas das invenções recentes que permitiram movimentar e armazenar música de maneira rápida e eficaz. Atualmente a tecnologia digital substituiu completamente a televisão tradicional, o LP em vinil e os equipamentos de reprodução e gravação analógicos. Estes antigos suportes geravam, além do gozo de escutar música, um prazer tátil particular, proveniente de um sentimento de posse. Os suportes analógicos propiciavam diversas formas de contacto físico com o objeto que armazenava a música. Hoje, com os novos dispositivos remotos digitais, a realidade é virtual e o apreciador de música vive num espaço imaterial, deixando de ter contacto com o real. Neste contexto, o ouvinte fica dispensado do contacto físico e direto com a música e com os equipamentos que a reproduzem, os quais são cada vez mais inteligentes, multifunções, portáteis, miniaturizados e pessoais, acompanhando o utilizador como se fossem as suas sombras ou fantasmas.



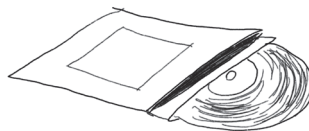
Os avanços tecnológicos desencadeados por estas diversas e importantes invenções pressagiavam o pior para a indústria discográfica, tal como esta era conhecida. A produção musical em formato digital contribuiu para transformar definitivamente a música popular à escala global, tornando-a um produto abrangente, democrático e igualitário, embora incontrolável nas suas consequências culturais. Atualmente, a música intromete-se, interfere, em todos os sectores da vida e em diferentes áreas do quotidiano. O mundo online possui inúmeros atores, cada um deles representando uma intenção. Em 1995, porém, o ciberespaço era um imenso arquipélago, disperso por muitas ilhas com inúmeros servidores domésticos que não comunicavam entre si, um território elitista onde somente operavam os entusiastas e especialistas em computação. Nos anos seguintes, porém, o desenvolvimento destes equipamentos aconteceu a uma velocidade impressionante; a sua capacidade técnica e performativa crescia a passos de gigante e, à medida que isso acontecia, ia aumentando exponencialmente o número daqueles que possuíam as capacidades necessárias para dominar os dispositivos informáticos. A tecnologia cibernética tornou-se, assim, numa simples acessível e poderosa máquina de processamento de informação, melhorando a sua capacidade operativa, solucionando os problemas de comunicação que antes eram difíceis de resolver. Neste processo foi criado um novo espaço comunicacional que, segundo Paul Virilio, define uma entidade desprovida de extensão espacial, inscrita numa temporalidade singular de dimensão instantânea. O computador tornou-se uma máquina insubstituível e a vida das pessoas ressentiu-se desta mudança, uma vez que aquele se transformou rapidamente num equipamento multifunções cada vez mais eficaz e portátil, e também os indivíduos alteraram a maneira como se relacionam com a música.

TECNOLOGIA CIBERNÉTICA

O contexto musical ressentiu-se radicalmente dos efeitos desencadeados por estas alterações. Os álbuns de todos os géneros de música passaram a estar disponíveis online, acompanhados de discografias completas, minuciosamente documentadas. Poderosos motores de busca permitem que o utilizador encontre instantaneamente todo o tipo de material organizado por músicos, temas, versões de cada composição, álbuns, playlists e perfis de pessoas e artistas onde, além da informação biográfica referente ao criador em causa, são indicados os seus discos e temas favoritos. Nesta nova realidade, o ouvinte torna-se nómada, um ser independente e autónomo, culturalmente omnívoro e sujeito à dispersão da sua intenção e vontade. No mundo digital as pessoas têm total liberdade de movimentos, criando listas personalizadas através da escolha de temas, posteriormente anexados num ficheiro específico que pode ser escutado onde e quando quiserem, independentemente da rede. Cada usuário pode, segundo a sua sensibilidade, sequenciar vários ficheiros em listas e ordenações diferentes. O ouvinte passou assim a ser um construtor de sonoridades, um criador de novas realidades sonoras, expressas por listagens musicais por si selecionadas. A arrumação de determinados temas, fora do contexto do álbum donde provêm, gera por si só uma nova forma de ouvir. A possibilidade aberta por estas tarefas introduz o utilizador num campo de ação muito mais vasto, desprovido de uma estrutura intencional inequívoca. A música passou assim a estar sujeita a uma nebulosa atmosfera de influências indiretas, demasiado difusa e contingente.

Em consequência deste novo paradigma, o ouvinte tende cada vez menos a procurar no mercado produtos musicais enquanto objeto corpóreo, dando preferência às experiências dos sentidos. Na realidade virtual as pessoas não contactam com coisas palpáveis, mas com estímulos que mexem com a sua atenção, razão pela qual o consumo cultural, a adoção de diferentes estilos de vida, a busca de sofisticação, a exploração da sexualidade, a exponenciação da comunicação e a implantação definitiva do império do audiovisual, entre outras tendências, se tornaram alguns dos tópicos mais vendáveis que induzem experimentação. Ou, dito de outra forma, e tal como escreveu Mark Slouka, os indivíduos "transformaram-se em consumidores das suas próprias vidas". A amplitude do ciberespaço ganha aqui um significado acrescido, pois permite movimentos de grande velocidade para todos os lugares e partes do planeta. As pessoas não ficam indiferentes a esta nova realidade e o aparecimento de diversos sistemas de partilha de arquivos, sucessivamente mais avançados, mais sofisticados, mais práticos e conhecidos, criaram o seu próprio ciclo de autorreprodução. Tal situação releva a importância da rapidez nas operações cibernéticas, permitindo retomar uma velha ideia de Michel Foucault: a pessoa transforma-se numa verdadeira obra de arte através da sua reinvenção, criando novos estilos de vida. Esta forma de olhar a existência recebeu uma inesperada confirmação passados alguns anos após a sua enunciação. Neste momento, pode perguntar-se: o que é o presente? A atualidade é tão elástica e abrangente que ocupa tudo; o passado é empurrado para lá dos horizontes visíveis, ficando o tempo reduzido a um único presente. De facto, a questão neste momento é saber quem está no comando das coisas. Na dúvida está implícito o problema de como é feita agora a gestão da arte, qual o papel dos agentes, dos intermediários, dos detentores dos meios de produção, das entidades dinamizadoras, do público e, finalmente, dos artistas, num processo de questionamento da sobrevivência da arte que dura desde o tempo em que as paredes de Altamira se cobriram de desenhos. Neste sentido, o confronto entre os utilizadores e criadores legalmente enquadrados e os outros, marginais ao sistema, é um problema bem mais vasto do que parece. Será que a cultura pode sobreviver à degradação, declínio e perda da eternidade? Os movimentos do mercado são extremamente caprichosos e transitórios, assim como os antecedentes relativos ao controlo da arte por ele, e estão habitualmente repletos de falsas afirmações, prognósticos e juízos equivocados.

*Romancista e ensaísta americano*



///

*Antropólogo,  
cientista  
linguista e  
sociólogo  
ingles*

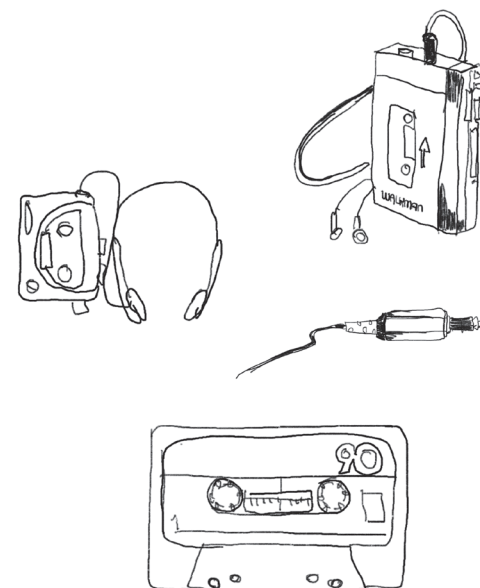
O espaço da internet não é, na sua essência, um campo suscetível de ser dirigido, mas, neste momento, existem razões válidas para que as pessoas se preocupem com os efeitos sobre o seu controlo. As informações que nela circulam não se organizam entre si numa continuidade comum, podendo pontualmente ocupar ou desocupar esse espaço. Contudo, por ser um território fértil em inteligência anónima que permite criar novos sistemas dentro e fora dos já existentes, a internet afigura-se intrinsecamente difícil de controlar. Esta ambivalência e permeabilidade difusa é impossível de ser replicada no mundo real, apesar de se saber que a tecnologia é uma prótese, uma extensão do corpo humano, refletindo o potencial da subjetividade. Neste sentido, a rede digital pode ser percebida como um desdobramento inteligente, um mundo particular e singular onde se cruzam forças de sentido contrário. Os verdadeiros conhecedores do sistema informático são uma elite e têm um poder inegável, pois movimentam-se através do uso de identidades falsas, em nebulosas de dados e em espaços virtuais mutantes e inconstantes. Um único utilizador pode assumir diferentes máscaras, com apelidos ou pseudónimos diversos, escondendo-se por detrás de uma linguagem críptica que dificulta a sua monitorização. A subversão praticada pelos que estão de fora do sistema tem um efeito mutuamente reforçado, tal como está exposto na teoria das "cadeias cismogenéticas" de Gregory Bateson. Por exemplo, se um comportamento afirmativo não é respondido na mesma moeda, encontrando em vez disso submissão, é provável que essa aceitação promova mais afirmação; a repetição desta reação em cadeia, não sendo simétrica, levará mais tarde ou mais cedo à rutura do sistema. Fora do território material, isolados num lugar despojado de significado social, muitos jovens continuam, de maneira desinteressada, a laborar diariamente e na clandestinidade, aperfeiçoando novos programas e novos dispositivos de software. Essa condição de anti-vizinhança, que os imuniza face às interferências locais no seu jogo secreto de atividades, contribui para melhorar as invenções já descobertas e para acrescentar novas conceções concebidas num espaço esquivo e invulnerável. O seu virtuosismo e eficiência, quer na capacidade de busca e de pesquisa, quer na armazenagem de música, são as máximas de uma frenética construção individual, onde o cubículo em que vivem e o cyber playground no qual realizam as suas ousadas criativas se confundem.

Em cada atentado contra a ordem estabelecida, defendida pelas empresas discográficas, há um “ato” de contrapoder, traduzido no facto de alguém anonimamente fazer, de forma simples e direta, a tarefa que a todos compete, não fossem as dificuldades artificiais impostas pelos mecanismos do sistema. A pulsão burocrática cria dificuldades e inventa obstáculos constantemente renovados que impedem o acesso dos que desejam trabalhar de forma desinteressada, pelo que quem desenvolve uma postura independente e autónoma, algo distanciada da lógica de mercado, sujeita-se a sentir um choque traumático com a burocracia. Este embate é seguido por um gozo evanescente baseado na negação, negação essa que só é cumprida parcialmente porque, depois de se ter esgotado o seu efeito libertador, tudo volta ao normal. Enfrentar o sistema pressupõe aceitar-se o regresso à normalidade quotidiana; contudo, depois de ocorrido o acontecimento, este deixa atrás de si rastros e incentivos explícitos a quem esteja disponível a guardar esse segredo. No início da disseminação da tecnologia digital foi graças à atividade de piratas (os comumente denominados hackers) que se percebeu melhor o enorme potencial dos ficheiros digitais, tais como o mp3, e inventados ou melhorados os programas, de que o “Napster” será talvez o exemplo mais paradigmático, os quais, ao romperem com o protocolo da internet, criaram vias alternativas ainda por regulamentar e novas ideias de partilha cultural. Esta situação criou um problema que não era técnico nem jurídico, mas sim eminentemente político e ideológico – quem cria programas de armazenamento e partilha, sabotando os sistemas operacionais de gestão de direitos autorais, geralmente defende uma internet gratuita e democrática, provocando assim um choque com as concepções mercantilistas vigentes. O efeito “Napster” tornou-se um exemplo de igualitarismo e cooperação que abalou o sistema; ultrapassado o seu impacto, e apesar das pessoas terem voltado à sua normalidade quotidiana depois de passada a fase mais exaltante da energia extática, muita coisa tinha acontecido de imprevisto, tendo deixado marcas para serem retomadas – como sempre, a cada crise estrutural segue-se uma ressaca, mas nada fica como antes. A “nova normalidade” que será instituída diferirá necessariamente da anterior; e assim também a internet mudou, tornando-se um campo infinito de novas experiências. O aparecimento de comunidades digitais tribais revelou a todos os que quisessem compreender a nova realidade que o campo social não pode ser totalmente ocupado e dominado pelo aparelho económico e estatal. As inúmeras tentativas de controlo levadas a cabo pelos diversos organismos do poder fizeram com que as pessoas mais hábeis rapidamente aprendessem a superar obstáculos, movendo-se em ambientes virtuais facilmente deslocáveis. A circulação e partilha de música faz parte integrante dessa mobilidade geral que a todos afeta.



criado por  
Shawn Fanning e seu  
co-fundador Sean Parker

Alguns dos indivíduos que se movimentam na internet retomam, de certa forma, a velha ideia anarquista das comunidades descentralizadas que, funcionando de modo direto e transparente, vivem sem necessidade de instituir estruturas de representação alienadas. Hoje, quem habita e atua na internet não é muito diferente de quem habitava e atuava o mundo “real” do passado; se alguns desejam organizar as suas vidas segundo uma ótica de democracia direta, trabalhando para o bem comum, outras são mais agressivas, competitivas, ambiciosas e concorrenciais, não hesitando assumir atitudes disfuncionais, delinquentes ou criminosas para atingirem os seus objetivos. A rede digital é um espaço aberto e obscuro onde existem todo o género de indivíduos e de contextos, pelo que o seu lado romântico, exposto numa rede ao serviço da cooperação e colaboração em prol do bem comum, atravessa uma grave crise existencial que torna difícil antecipar o seu futuro. A determinação ansiosa do consumidor, isto é, o seu alvo ou desejo, é sujeita a múltiplas distorções e, nesse processo, passa a ser entendida como parte da propriedade do bem desejado. Na rede digital a lógica desta ilusão é levada ao limite, pois a diferença entre objeto e sujeito confundem-se constantemente, dando a perceber que ninguém existe fora do quadro de um engano fetichista. Contudo, ninguém é inteiramente opaco para si mesmo, assim como não é possível um indivíduo conhecer-se na sua totalidade, no sentido de conseguir perceber o seu próprio mecanismo generativo. Se seguirmos este raciocínio, e partindo do princípio de que todo o conhecimento pressupõe pensamento, chegamos à conclusão de que a internet não propicia necessariamente este tipo de abordagens. A realidade é sempre limitada e define-se num contexto global, onde a autorreferência cognitiva se dá num fundo obscuro, cujo modelo do próprio é sempre transparente e pré-conceptual. Face a esta limitação pode afirmar-se que sentir-se a si mesmo implica ser parte de uma experiência quotidiana imediata e ingénua, ou seja, sem reflexão.



A transparência reclamada pela herança anarquista subentende uma sociedade autogovernada numa rede de mecanismos a funcionar sem atritos e invisivelmente, sem problemas. Porém, tal não é possível, nem a internet consegue ser um meio integralmente não alienado. As suas formas revelam-se em estruturas complexas de substituição que a fazem funcionar, pelo que a sua organização nunca poderá operar segundo um modelo de autogestão, pelos menos a curto ou médio prazo, e, neste sentido, torna-se impossível perspectivá-la como local de total liberdade e autonomia. Talvez o melhor seja então encará-la como forma inevitável de alienação e tentar orientá-la, direcionando-a, "apesar de tudo", para um funcionamento menos problemático e conflituoso. Sabemos que o mercado permanecerá sempre na internet e explorará todas as suas potencialidades, uma vez que é impossível escapar às lógicas apropriadoras do capitalismo; no entanto seria bom dar-se mais espaço a modelos não-alienados de funcionamento cuja liberdade e autonomia sustentem comunidades espontâneas que, pelas suas aspirações, queiram estabelecer relações desinteressadas, assentes na liberdade de cooperar e colaborar sem restrições. Numa sociedade baseada no individualismo extremo, onde cada qual trata de si, dispondo-se a explorar e a desconsiderar os outros, o mercado é sempre preponderante, e o espaço cibernético não escapa a este paradigma. A realidade virtual atira o indivíduo para um mundo sem referências estáveis, no qual as tradições desaparecem ou são destruídas, favorecendo assim o crescimento exponencial do consumo. Neste contexto, o mercado causa pânico e insegurança porque também ele tem as suas crises e porque opera sob o princípio da cadeira de comando vazia: não existindo um responsável a quem atribuir culpas, o poder será sempre exercido no vácuo.

A este impasse talvez possamos encontrar uma resposta plausível no jazz. O sofrimento causado por processos de controlo e exclusão está inscrito na génese deste género musical e permanece no seu âmago como sinal identitário, uma vez que foi fundado a partir de esforços simultaneamente de libertação e negação de desejos. Na essência desta música procura-se a integração e cooperação de culturas, reunidas num todo musical a que chamamos "o mundo". Ouvir e criar jazz significa, portanto, reagir e resistir perante a dificuldade, enfrentar o desconhecido, penetrar no insondável e conceber a resistência como uma inversão da impotência face ao imenso campo onde a música se manifesta. O sistema social de onde provém o jazz está contaminado pela força de uma negatividade salvadora, tornando-o uma arte que se vê e sente no difícil papel de expor verdades incômodas, de fazer denúncias subliminares, de negar rasuras, separações e divisões. Esta música está repleta de inúmeras mensagens contra a degradação, a decadência, o cinismo e a mentira, mensagens que simultaneamente provocaram e refletiram muitos acontecimentos políticos, económicos, sociais, culturais do século XX. Adquirindo força de documento e elemento de memória, e tendo sido projetado numa realidade comunitária ideal radicada nas suas origens musicais, o jazz alcançou dimensão antropológica universal dotada de um importante significado simbólico. Ao conseguir afirmar-se como estratégia de

aglutinação de comunidades e de proteção das suas tradições, o jazz foi capaz de encontrar um processo indireto de afirmação de identidade, composta não de valores abstratos, mas de coisas bem concretas que incarnaram uma rede densa de práticas quotidianas banais. Esta será talvez a lição mais importante que esta forma musical terá para oferecer ao contexto de desterritorialização digital que caracteriza a rede contemporânea: a ideia de que é necessário algo mais radical, uma espécie de distanciamento brechtiano assente numa experiência existencial difícil, cruel e profunda, através da qual será possível reconhecer o estrangeiro que há em nós. A visão comunitária nunca é suficiente; convém reconhecer o que somos e que cada um de nós é, à sua maneira, um lunático excêntrico a necessitar urgentemente de encontrar um modo de convivência tolerante entre diferentes estilos de vida e mundivisões. Esta constatação implica superar isolamentos de grupo e descobrir um compromisso coletivo, num longo processo de solidariedade universal e de construção de uma causa suficientemente forte para atravessar mundos e modos diversos de encarar a vida.





## THE EMPTY CHAIR

Ivo Martins

If we really want to understand the jazz phenomenon, we have to frame it in the major social and musical currents of the twentieth and the twenty-first century, and not in the context of an analysis that stands outside of the reality in which it evolved. Through the observation of the changes that took place during that period we may establish connections between jazz and a myriad of other factors, thus creating new compositions as if these were a web of apparently unrelated micro-stories. Art, technology, culture, society (in short, the world), manifest themselves in different ways, in many cases without any articulations between them. In change there is always a random and unpredictable factor, re-founded upon the detailed and meaningful rapport of important, although generally undervalued, facts. Time and space are compressed inside an historical camp that unites thoughts, allusions, ideas, causes, consequences, reasonings, arguments, inventions, techno-scientific discoveries and power games. All these factors form an irregular and deviant material of undetermined direction. Themes are let by themselves, appearing, disappearing and reappearing within structural fields that are neither linear nor chronological, thus revealing themselves to be, in a sense, anti-historical. The content of the countless stories comprised in the jazz phenomenon are thereby abundant in not always perceptible or calculated answers, making it impossible to integrate them into a coherent and conclusive idea. In order to understand it we must elaborate on some topics that come from a history that is multiple and fractal in its resonances and semantic consequences; the words “jazz”, “jazz”, “pop”, “rock n’ roll”, “blues”, “ragtime”, “hip-hop”, “rap”, “recording studio”, “discographic industry” “sales chart”, “vinyl disc”, “cassette”, “compact-disc”, “internet”, “digital piracy”, “Mp3”, “sampler” or “streaming”, among many others that are commonly used to designate the different technologies of capture, storage or manipulation of music, are the components of a new language of cultural realignment that radically transformed the popular music of the twentieth century.

In 1957 the stereophony, an invention that introduced significant qualitative gains to the discographic industry, was launched in the market. Some years later, in 1980, another great leap took place, centered on the portable component of music, with the appearance of the magnetic tape cassette recorder. This innocent technological advancement provoked an automatic decrease in music albums sales. However, as it was later proved, such decrease did not harm the profits of the discographic industry. Meanwhile, other technologies of recording and reproduction of music continued to be released, such as the magnetic tape cartridge (which rapidly became obsolescent), VHS cassettes (that could also be used to record music), the mini-cassette, the minidisc and, finally, the CD. However, it was the massification of the internet that allowed the great leap in the unknown. At its first stage of development, the internet did not seem to anticipate great technical potentialities; there were no technical devices available capable of converting the songs of a CD or a vinyl disc into a digital file. It took a while before the invention of a file capable of archiving music; of a program capable of reproducing it; of a device capable of extracting the music contained in an analogic format and convert it into a digital format; and of the software capable of compressing that information and allowing its circulation through a digital network. It took many years of research in order to unite all these conditions; to

move and to storage the file of an album via the internet, within a net of users that was increasing dramatically every day, presupposed the development of several technological solutions. The mp3 format and, later, the streaming, were some of the most recent inventions that allowed a fast and effective circulation and storage of music. Currently, the digital technologies have replaced traditional television, the vinyl LP and all the other devices for the reproduction and the recording of music. Beyond the pure joy of listening to music, these old formats offered the consumer a specific tactile pleasure that came from a sense of ownership of a concrete object. These analogic devices provided many different forms of physical contact with the objects in which music was archived. Nowadays, with the proliferation of new remote digital formats, reality became virtual and the listeners of music, having ceased to engage in direct contact with reality, inhabit an immaterial place. In this context, the listener is dispensed of the physical and direct contact with music and its reproduction devices, which are increasingly intelligent, multifunctional, portable, miniaturized and personal, following the users around as if they were their shadows or their ghosts.

The technological developments generated by these diverse and important inventions foreshadowed the worst for the discographic industry as it was until that moment. The musical production in digital format contributed to transform popular music at a global scale, converting it into a wide, democratic and egalitarian, although unpredictable in its cultural consequences, product. Nowadays, music interferes in all sectors of life and in different areas of our daily routines. The online world is made of many actors, each one represented by a specific intention. In 1995, however, the cyberspace was an immense archipelago, dispersed through many islands with countless domestic servers that did not communicate between themselves, an elitist territory where only the enthusiasts and the specialists in computation operated. In the following years, nevertheless, the development of these equipment took place at an impressive rate; its technical and performative capacities grew enormously and, at the same time, the number of those who had the skills to dominate the computer was increasing exponentially. The cybernetic technology thus became a simple, accessible and powerful machine of information processing, improving the operational capacity and solving the problems of communication which, according to Paul Virilio, define an entity devoid of special extension and inscribed on a singular temporality of an instantaneous dimension. The computer would become an irreplaceable machine and the lives of all individuals were strongly affected by this transformation, since the computer was rapidly transformed into an increasingly effective and portable multifunctional equipment, and by extension the individuals also changed the way they interact with music.

The musical context was radically affected by the consequences provoked by all these changes. Albums of every musical genre started to become available online, complemented by complete and meticulously documented discographies. Powerful search engines allow users to find instantaneously all sorts of information, organized by musicians, themes, versions of each composition, albums, playlists and artist profiles. In this new reality, the listener becomes nomadic, a fully independent and autonomous being, culturally omnivorous and subjected to the dispersion of intentions and will. In the digital world people have total freedom of movements, creating personalized lists based on the choice of themes that are later annexed to specific files which can be listened to when or where they want, independently of

the network. Each user can sequence several files in many different orders, according to his musical sensitivity. The listener thus became a builder of sounds, a creator of new sound realities expressed by lists. The ordering of the themes, outside the frame of the album to which they belong, generates in itself a new way of listening to music. The possibilities opened by these tasks introduce the user into a much wider field of action, devoid of an intentional or unequivocal structure. Therefore, music became the subject of a nebulous atmosphere of indirect influences, way too diffuse and contingent.

In result of this new paradigm, the listener is less and less motivated to search in the market for musical products in physical format, giving preference to sensorial experiences. In virtual reality people do not contact with tangible things, but rather with stimulus interfering with their attention, that being the reason why cultural consumption, the adoption of new lifestyles, the urge for sophistication, the exploration of sexuality, the exponentiation of communication and the definitive implantation of the empire of audiovisual realities, among other tendencies, became some of the most sellable topics inducing experimentation. Or, as Mark Slouka wrote, the individuals were “transformed into consumers of their own lives”. The amplitude of the cyberspace was invested of an additional significance, since it allows fast movements to every place of the planet. People did not remain indifferent to this new reality and the emergence of new and increasingly advanced, sophisticated and practical systems for the sharing of digital archives generated its own cycle of self-reproduction. Such circumstance reveals the importance of speed when we are dealing with cybernetic operations, allowing the resurgence of an old concept developed by Michel Foucault: through the reinvention of the self the individual becomes himself a true work of art, the creator of new lifestyles for himself. Some years after its enunciation, this way of understanding human existence was granted an unexpected confirmation: at this moment, we may ask: what is exactly the present? Actuality is so elastic and comprehensive that it pervades everything; the past is pushed beyond the visible horizon, and time is reduced to a single present. In fact, the most pressing question of our time is to know who is at the command of events. In this doubt implicitly lies the problem of how art is currently managed, what is the role of the agents, of the intermediaries, of those who detain the means of production, of the institutions, of the audiences and, finally, of the artists themselves, a process of questioning of the survival of art that lasts since the time when the walls of Altamira were first covered by drawings. In this sense, the dispute between the users and the legally contextualized creators and all the others, i.e., those who are marginal to the system, constitutes a much wider problem than it seems. Can culture survive degradation, decline and loss of eternity? The movements of the market are extremely capricious and transitory, and are usually saturated by false affirmations, wrong prognostics and equivocal judgements.

///

In its essence the cyberspace is not a field susceptible of being fully directed but, nowadays, there are valid reasons for concern about the effects upon its control. The information that circulates in it is not organized in a common continuity, and it can either occupy or de-occupy that same space. However, the internet, being a territory that is fertile in anonymous intelligence favoring the creation of new systems, either inside or outside the preexistent ones, comes across as

intrinsically almost impossible to control. Such features of ambivalence and diffuse permeability cannot be replicated in the real world, even though we know that technology constitutes a prothesis, an extension of the human body, that reflects the potential of subjectivity. In this sense, the digital web may be perceived as an intelligent unfolding of a singular and particular world where opposite forces intersect. The true computational specialists are an elite and hold an undeniable power, since they move under false identities through nebulas of data and within virtual spaces that are in themselves mutant and unstable. Through the use of pseudonyms, a single user can wear many different masks, thus hiding behind a cryptic language that makes it harder to monitor their movements. The subversion practiced by those who position themselves outside of the system causes a mutually reinforced effect, as exposed by the theory of the “schismogenic chains” of Gregory Bateson. For example, if a given behavior does not generate a symmetric opposite response, inducing submission instead, there is high probability that such acceptance will promote a more affirmative action: the chain repetition of this reaction will, sooner or later, lead to the rupture of the system. Outside the realm of the material, and isolated in places devoid of any social meaning, many youngsters still continue, uninterestedly, to work daily and clandestinely on new and better software. Such anti-neighboring attitude immunizes them against interferences upon their secret game and contributes to the perfecting of the systems that have already been invented through the addition of new concepts and devices conceived on an elusive and invulnerable place. Their skills and efficiency, both in regards to searching capacities as well as in terms of storage, are the motto of a frantic individual construction where the pods where they live in and the cyber playground upon which they project their creative endeavors have become almost indistinguishable.

Each attack against the established order promoted by the discographic industry is also an act of counterpower, translated by the fact of someone anonymously accomplishing, in a simple and direct way, the task that should be assumed by every individual if the artificial difficulties imposed by the mechanisms of the system did not exist. Bureaucratic pulsion generates obstacles that are constantly being renewed and prevent those who want to do altruistic work to gain access to the system. Therefore, whoever develops an independent and autonomous strategy, opposite to the logics of the market, is bound to suffer a traumatic shock with bureaucracy. This clash is followed by an evanescent sense of pleasure based on denial that is only partially achieved because, after the effect of liberation, everything goes back to normal. To challenge the system implies the return to a daily normality; however, the event leaves many traces on those who are willing to keep that secret. In the beginning of digital technology, it was due to the activity of cybernetic pirates (the hackers) that we began to develop a better understanding of the great potential of the digital files, such as the mp3, and that programs such as “Napster” were invented, thus allowing a disruption of the internet’s protocols of use and paving the way to the creation of alternative and yet to be regulated devices of sharing of music and art. This new situation created a problem that was neither technical nor legal, but eminently political and ideological – those who invented programs for the archival and sharing of files, programs that were capable of sabotaging the operational systems of management of authorial rights, exhibit a proclivity to defend a free internet, a concept that clashes with the dominant capitalist views. The “Napster effect” became an example of egalitarianism and cooperation that shook the system; after its first impact, and

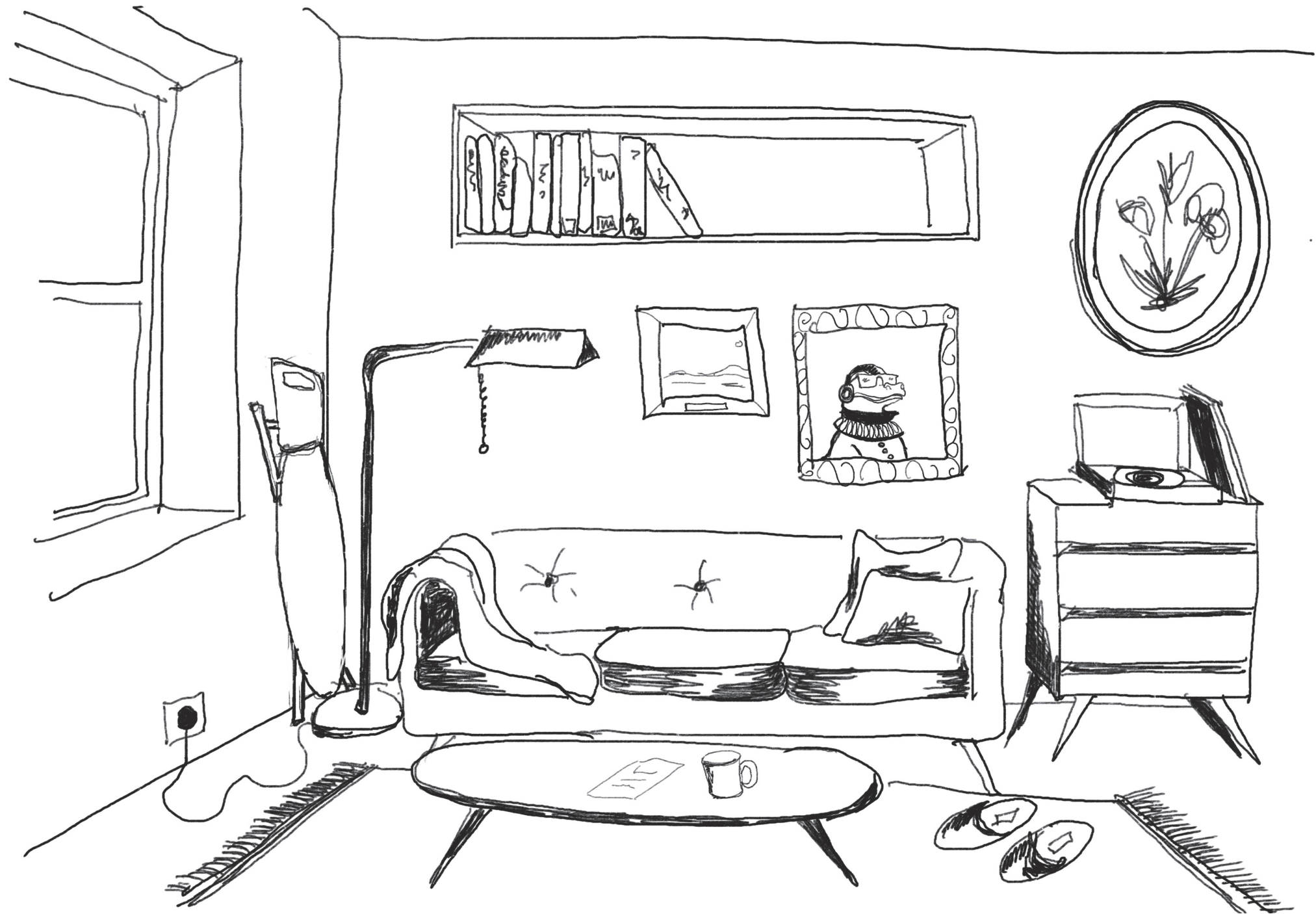
although when the more exalting phase of its ecstatic energy faded most people quietly returned to their daily routines, many unpredictable things had already happened and left their marks – as always in history, each structural crisis is followed by a sort of social hangover, but nothing remains quite the same. The “new normality” that is eventually established will always differ from the previous one, and so the internet changed and became an infinite field for new experiences. The appearance of tribal digital communities revealed to everyone who wanted to know the new reality that the social field cannot be totally captured by the economic apparatus or integrally regulated by the state. The countless efforts exercised by the different organisms of power in order to control the cyberspace only motivated the internauts to learn how to surpass the obstacles and to survive in fluid virtual environments. The circulation and the sharing of music is an integral part of this general movement impacting everyone's life.

Some of the individuals who inhabit the internet are, in a sense, the heirs of the old anarchist idea of decentralized communities which, by functioning in a direct and transparent way, are able to survive without structures of representation. Nowadays, whoever lives and acts on the internet is not that different from those who lived and acted on the “real” world of the past; if some desired to organize their lives according to a system of direct democracy, working for the collective good, other were more aggressive, competitive and ambitious, and did not hesitate to engage in dysfunctional or criminal attitudes in order to achieve their goals. The digital web is simultaneously an open and obscure space where all sorts of individuals and contexts coexist, and that is why its romantic side, reflected on a network at the service of cooperation and collaboration, is currently going through a serious existential crisis whose future is difficult to anticipate. The anxious determination of the consumer or, in other words, his target and desire, is the subject of multiple distortions and, in that process, it becomes understood as part of the property of the desired good. On the digital web the logic of such illusion is stretched to the limit, since the difference between object and subject are permanently confounded, therefore making us aware that no one exists outside the frame of a fetishist deception. However, no one is entirely opaque to himself, just as it is impossible for an individual to completely know himself, to the point of understanding his own generative self. If we follow this line of thinking, and assuming that every form of knowledge presupposes rational thinking, we come to the conclusion that the internet is not necessarily favorable to this kind of approach. Reality is always limited and defined within a global context where cognitive self-references occur in a dark well whose model is always transparent and pre-conceptual; considering this limitation, we may affirm that to feel oneself means to be a part of an immediate and naïve, thus non-reflexive, daily experience.

The transparency claimed by the anarchist heritage presupposes a self-governed society, a web of mechanisms functioning invisibly and without opposition or problems. Such society, however, is not possible, nor the internet can be an integrally non-alienated channel. Its forms are revealed through the complex structures of replacement that make it work, that being the reason why its organization will never be able to operate according to a model of self-management, at least in the short or medium term, and, in this sense, it is impossible to perceive it as a space of total freedom and autonomy. Perhaps the best option is to approach it as an inevitable form of alienation and make an effort to guide it towards a less problematic and conflictual way of functioning. The market will remain at the internet

and will explore all its potentialities, since it is impossible to escape the predatory logics of capitalism; however, it would be wise to give more space to non-alienated solutions whose freedom and autonomy may help supporting spontaneous communities who, through their aspirations, desire to establish uninterested relations based on freedom to cooperate and collaborate without restrictions. In a society based on extreme individualism, where everyone is responsible for himself only and is willing to exploit and neglect the others, the market will always prevail, and the cyberspace is no exception to this paradigm. Virtual reality projects the individual into a world devoid of stable references in which traditions either disappear or are destroyed, thereby favoring an exponential growth in consumption. In this context, the market causes panic and insecurity because the market itself is not immune to its own crisis and operates on the principle of the empty chair of command: without someone to blame, power will always be exercised in a vacuum.

Perhaps we may discover in jazz a plausible answer to this stalemate. The suffering caused by processes of control and exclusion is inscribed in the genesis of this musical genre and still remains as one of its strongest identity features, since it was founded upon efforts of, simultaneously, liberation and negation of desires. At the core of jazz there is essentially a search for integration and cooperation between different cultures, gathered around a musical whole that we call “the world”. Thus, to listen and to create jazz means to react and resist against all sorts of difficulties, face the unknown, penetrate the mysterious and conceive resistance as an inversion of our own impotency in regards to the immense field where music is manifested. The social system from which jazz descends is contaminated by the force of a redeeming negativity that transforms it into an art which perceives itself as having the mission of exposing uncomfortable truths, of making subliminal denouncements, of negating erasures, segregations and divisions. This musical genre is composed of countless messages against decadence, cynicism and deception, and those messages were at the same time the catalysts and the reflectors of many of the most important political, economic, social and cultural events of the twentieth century. While acquiring the force of historical document and element of memory, and having being projected into an ideal communal reality rooted in its origins, jazz attained a universal anthropological dimension invested of a significant symbolic meaning. By having being able of affirming itself as a strategy for the agglutination of communities and the protection of their respective traditions, jazz discovered an indirect process of building its own identity, formed not by abstract values but by concrete elements which were the incarnation of a dense web of daily ordinary routines. This is perhaps the most important lesson that this musical genre has to offer in the context of digital deterritorialization that characterizes the contemporary ethersphere: the idea that we need something much more radical, a sort of Brechtian distancing supported upon a difficult, cruel and profound existential experience, through which it may be possible to rediscover the foreign in us. Communal visions will never be sufficient; it is necessary to recognize what we are and face the fact that each one of us is, in his own peculiar way, an eccentric lunatic in urgent need of finding a form of tolerant coexistence between countless different lifestyles and world visions. This assessment implies the surpassing of tribal separations and the search for a collective compromise, in a long process of universal solidarity towards the consolidation of a cause strong enough to intersect different worlds and ways of life.



Em 2023, depois de uma edição marcada pelo regresso ao formato de comunhão estreita entre o público e os músicos característica deste festival e por um tom de assumida celebração dadas as circunstâncias de reabertura do mundo após um período de paralisação temporária, o Guimarães Jazz enfrenta um cenário em transformação profunda, uma transformação que se afigura agora não apenas tecnológica ou estética, mas uma verdadeira mudança de puro funcionamento do sistema. Assim sendo, o alinhamento da sua trigésima segunda edição pode ser eventualmente considerado mais circunspecto e intelectualmente exigente em termos das suas propostas, mas, tal como sempre aconteceu ao longo da história deste festival, continua a privilegiar o primado da diversidade e da escolha independente, ciente de que são as decisões do presente que determinam o futuro por enquanto incógnito. Em termos gerais, o programa de 2023 é caracterizado, tal como sempre acontece, pelo equilíbrio entre a tradição e a inovação e pelo ecletismo estilístico, geográfico e geracional das propostas e dos músicos que nelas participam. A constatação desta evidência não impede, porém, o reconhecimento de que nesta edição se presta uma atenção particular à cena jazzística nova-iorquina da atualidade e às expressões de tendência experimental, cada vez mais preponderantes na linguagem do jazz contemporâneo, sendo também de destacar a significativa presença de músicos europeus em praticamente todos os projetos apresentados, um sinal evidente do descentramento definitivo do fenómeno jazzístico em relação ao seu território de origem.

A abertura e o encerramento do Guimarães Jazz 2023 serão protagonizados por duas orquestras, uma proposta dupla que funciona como um espelho refletor de dois polos diferenciados desta dimensão da prática criativa jazzística. O primeiro dia será inaugurado por um ensemble que é considerado um dos representantes mais prestigiados da mais pura tradição jazzística nova-iorquina: a icónica Vanguard Jazz Orchestra, um ensemble com mais de meio século de atividade e dirigido neste concerto pelo prestigiado Dick Oatts. O último concerto desta edição será, por sua vez, da responsabilidade da big band liderada pela compositora e pianista dinamarquesa Kathrine Windfeld, um dos nomes em destaque na nova vaga do jazz orquestral europeu, e que terá como solistas convidados o guitarrista israelita Gilad Hekselman e o saxofonista afro-americano Immanuel Wilkins. O naipe de propostas orquestrais incluídas no programa deste ano é ainda complementado pela reedição da parceria entre o festival e a Orquestra de Guimarães, a qual desta vez acompanhará o Mário Costa Quarteto, formado, para além do talentoso baterista português que lidera este projeto, por três instrumentistas reputados do circuito jazzístico mundial: o contrabaixista Bruno Chevillon, o trompetista Cuong Vu e o teclista Jozef Dumoulin.

Uma das mais canónicas formações do jazz (quarteto de piano, saxofone, contrabaixo e bateria) merecerá particular destaque nesta edição do Guimarães Jazz, sendo representada por três grupos com identidades e sonoridades distintas. Em primeiro lugar, devemos destacar a banda “Something New” liderada por Buster Williams, um contrabaixista epicentral do movimento do jazz de fusão, cúmplice criativo do lendário Herbie Hancock, e aquele que será eventualmente o nome de maior ressonância “histórica” deste programa. No segundo dia do festival caberá ao quarteto de Aaron Parks, um pianista que regressa ao palco de Guimarães desta vez com um projeto em nome próprio, a missão de interpretar e reinventar o legado da tradição do jazz norte-americano. Finalmente, o ensemble de composição coletiva e improvisação Landline Plus One, composto por quatro instrumentistas altamente identificados com a cena jazzística nova-iorquina – Jacob Sacks (outro pianista com uma relação de grande proximidade com Portugal), Chet Doxas, Vinnie Sperrazza e Zack Lober – e expandido pela colaboração com a jovem trompetista holandesa Suzan Veneman, atuará no pequeno auditório do Centro Cultural Vila Flor e será também responsável pela direção das jam sessions, das oficinas de jazz e do concerto em colaboração com a big band da ESMAE.

Em sentido inverso ao do cânone jazzístico, o alinhamento do Guimarães Jazz 2023 apresenta três propostas em que são abordadas as zonas de intersecção do jazz com a experimentação e as tendências vanguardistas da contemporaneidade. Para além da parceria com a Sonoscopia – que desde há vários anos cumpre este objetivo de exploração de expressões tangenciais ao fenómeno jazzístico e que nesta edição sugere um concerto a solo do extraordinário compositor e multi-instrumentista Elliot Sharp, uma proposta fortíssima que reafirma a pertinência da relação institucional entre o festival e este coletivo incontornável da música experimental portuguesa –, este espaço estético será preenchido por dois grupos protagonizados por alguns dos criadores mais livres e criativos da música contemporânea. O contrabaixista e compositor britânico Barry Guy – um dos nomes cruciais da música europeia das últimas cinco décadas – atuará no pequeno auditório do CCVF em trio, acompanhado por dois músicos de exceção – a violinista suíça Maya Homburger e o pianista espanhol Agustí Fernández – num projeto em que se cruzam o jazz, a improvisação livre e a tradição da música erudita europeia; no mesmo dia à noite, desta vez no grande auditório, surgirá em palco o septeto New Digs, liderado pelo contrabaixista Michael Formanek, uma das figuras mais influentes do jazz de tendência avant-garde de Nova Iorque, e composto por um grupo de instrumentistas notáveis, entre eles o pianista Alexander Hawkins, a guitarrista Mary Halvorson e o baterista Tomas Fujiwara, nomes em ascensão no circuito do jazz contemporâneo.

Finalmente, o programa do Guimarães Jazz 2023 ficará completo com a reedição das parcerias com a Associação Porta-Jazz – a proposta deste ano é um quarteto liderado pelo saxofonista José Soares em colaboração com a artista/videasta argentina Varvara Tazelaar – e com o Centro de Estudos de Jazz da Universidade de Aveiro – que este ano distinguiu o Pedro Molina Quarteto com o prémio de melhor ensemble e de melhor arranjo original –, reafirmando assim o compromisso do festival com o aprofundamento das suas relações com as instituições que consideramos desenvolverem um trabalho meritório no campo do jazz nacional tendo como objetivo promover a criação artística no âmbito deste território musical.

In 2023, after an edition marked by the festival's return to its traditional format of close communion between the audience and the musicians and thus characterized by a tone of straightforward celebration of the reopening of the world after a period of temporary paralysis, Guimarães Jazz faces a scenario of deep transformation, a transformation that now seems to be not only purely technological or aesthetic, but truly systemic. The line-up of this thirtieth-second edition may be eventually considered more circumspect and intellectually challenging in terms of its proposals but, as it has always been the case throughout the history of the festival, it continues to privilege the primacy of independent choice, fully aware that the future will be determined by the decisions we make in the present. In general terms, the 2023 program is marked, as usual, by a sensible balance between tradition and innovation and by stylistic, geographical and generational eclecticism, both in terms of the projects as well as of the musicians featured in them. The recognition of this evidence does not prevent us, however, to acknowledge that in this edition we pay a particular attention to the current jazz scene of New York and to the experimental tendencies that are increasingly relevant to the definition of jazz's contemporary identity. Furthermore, we may also highlight the significative presence of European musicians in almost every group presented, an explicit symptom of the decentralization of the jazz phenomenon in regards to its original territory.

The overture and the closing of Guimarães Jazz 2023 will feature two orchestras, a double proposal that works as a reflecting mirror of the two differentiated poles representing the orchestral dimension of jazz music. The inauguration will of the responsibility of an ensemble that is considered one of the more prestigious examples of the purest jazz tradition from New York: the iconic Vanguard Jazz Orchestra, a group with more than half a century of activity, which is directed by the reputed Dick Oatts. The closing of the festival will present the big band led by Kathrine Windfeld, a Danish composer and pianist who is currently one of the most highlighted names of the new wave of European orchestral jazz, in a concert that will also feature the contributions of two renowned soloists: Israeli guitarist Gilad Hekselman and North-American saxophonist Immanuel Wilkins. The set of orchestras included in this year's program will also include the reedition of the partnership between Guimarães Jazz and the Orchestra of Guimarães, in this case accompanying the Mário Costa Quartet formed, besides the talented Portuguese drummer who is the leader of this project, by three distinguished musicians of the global jazz circuit: French double-bassist Bruno Chevillon, American-Vietnamese trumpeter Cuong Vu and Belgian keyboardist Jozef Dumoulin.

On of the most canonical formations of jazz history (the quartet of piano, saxophone, bass and drums) will be extensively featured at this edition of the festival, represented by three groups with very different identities and sonorities. Firstly, we must highlight the band "Something New", led by Buster Williams, an epicentral double-bassist of jazz fusion, creative accomplice of Herbie Hancock and eventually the most historically resonant name included in this year's line-up. At the second day of the festival, it will be quartet led by Aaron Parks, a pianist who will be performing at Guimarães for the third time and who for the first time presents a project under his own name, the formation assigned with the task of interpreting and reinventing the legacy of North-American jazz. Lastly, the ensemble of collective composition and improvisation Landline Plus One, formed by four musicians highly identified with the New York's jazz scene – Jacob Sacks (another pianist with a close relation with Portugal), Chet Doxas, Vinnie Sperrazza and Zack Lober – and expanded by the collaboration with young Dutch trumpeter Suzan Veneman, will perform at the mainstage of the festival and will also be responsible for the direction of the jam sessions, of the workshops and of the concert alongside Jazz Orchestra of ESMAE.

In opposition to the jazz canon, the Guimarães Jazz 2023 edition presents three projects that approach the zones of intersection of jazz with the avant-garde tendencies of contemporaneity. Besides the festival's partnership with the collective Sonoscopia – which for many years to this date has been pursuing the objective of exploring the experimental tangencies adjacent to the jazz phenomenon and which this year proposes a solo concert of the extraordinary composer and multi-instrumentalist Elliott Sharp, a name that reaffirms the extreme pertinency of this institutional relation between the festival and Sonoscopia –, this aesthetic dimension of contemporary jazz will be fulfilled by two groups formed by some of the most free and creative musicians in contemporary music. British composer and double-bassist Barry Guy – one of the crucial names of European music of the last five decades – will perform in trio, accompanied by two exceptional instrumentalists – Swiss violinist Maya Homburger and Spanish pianist Agustí Fernández – in a project in which jazz, free improvisation and the tradition of European classical music harmoniously converge; the same day, at night, the mainstage will be occupied by the septet New Digs, led by double-bassist Michael Formanek, one of the most influential figures of New York's avant-garde jazz, and formed by a group of distinguished musicians, among them Alexander Hawkins, Mary Halvorson and Tomas Fujiwara, three emerging names in the circuit of contemporary music and who are sure to be among those who will shape the future of jazz to come.

The line-up of this edition of Guimarães Jazz is completed by the festival's two other partnerships, namely with the association Porta-Jazz – the 2023 proposal is a quartet led by the Portuguese saxophonist José Soares in collaboration with the Argentinian artist and filmmaker Varvara Tazelaar – and the Center of Jazz Studies of the University of Aveiro – that in 2023 awarded the Pedro Molina Quartet with the prize of best ensemble and best original arrangement –, therefore reaffirming the festival's commitment to the deepening of its relation with the institutions we consider to be developing a praiseworthy work in the context of Portuguese jazz and promoting artistic creation in this field of music.

# Vanguard Jazz Orchestra

## Thad Jones 100

QUINTA-FEIRA 9

CCVF / GRANDE AUDITÓRIO FRANCISCA ABREU

Dick Oatts direção musical, saxofone alto · Billy Drewes saxofone alto · Chris Lewis saxofone tenor ·  
Ralph Lalama saxofone tenor · Frank Basile saxofone barítono · John Chudoba trompete ·  
Brian Pareschi trompete · Terrell Stafford trompete · Scott Wendholt trompete · Dion Tucker trombone ·  
Jason Jackson trombone · Rob Edwards trombone · Douglas Purviance trombone baixo ·  
Adam Birnbaum piano · Mike Karn contrabaixo · John Riley bateria

A trigésima segunda edição do Guimarães Jazz inaugura-se com a presença em palco de uma das mais icónicas orquestras de jazz norte-americanas: a formação histórica, fundada pelo trompetista Thad Jones (no papel de compositor residente) e pelo baterista Mel Lewis (responsável pela direção musical) no já distante ano de 1966 e que desde 1990 se apresenta pelo nome de Vanguard Jazz Orchestra, em homenagem ao mítico clube de jazz de Nova Iorque (Village Vanguard) onde aquela se estreou com enorme impacto na cena musical da época. Com a saída de cena de Jones, passados treze anos desde o início de uma colaboração extremamente profícua no contexto desta big band, materializada em quinze edições discográficas e várias digressões mundiais, Lewis assumiu plenamente a liderança do projeto e eventualmente recrutou o reputado compositor Bob Brookmeyer, cujo estilo composicional determinou uma nova direção sonora para este ensemble, mais sintonizada com a evolução dos tempos, ao mesmo tempo que outros compositores contribuíam também com novo repertório, assegurando dessa forma a pertinência e a vitalidade artística deste projeto seminal do jazz nova-iorquino de inspiração canónica. Com o desaparecimento físico de Mel Lewis, em 1990, a banda adotou definitivamente o nome de Vanguard Jazz Orchestra e atribuiu a Jim McNeely a função de compositor residente, posição que este músico prestigiado ainda hoje ocupa. Quase sessenta anos depois da sua fundação, este ensemble incontornável da história do jazz, presente pela primeira vez no Guimarães Jazz em 1998, quando o festival dava os primeiros passos do seu trajeto de afirmação no panorama musical português, continua ainda hoje a defender o legado dos seus fundadores, a homenagear o legado tradicional do jazz e a desafiar as fronteiras do idioma jazzístico orquestral.

O elenco de músicos que integra a Vanguard Jazz Orchestra é composto, como seria de esperar, por músicos altamente competentes e prestigiados da cena jazzística

nova-iorquina, entre eles Dick Oatts, diretor artístico e de longe o mais antigo membro da orquestra, um estatuto que o qualifica, portanto, como o maior conhecedor da sua história e identidade. Nascido e criado em Des Moines, no estado norte-americano do Iowa, o saxofonista e compositor Richard Dennis Oatts iniciou a sua carreira musical em Minneapolis e estabeleceu-se em Nova Iorque em 1977, ano em que integra a na altura designada The Thad Jones/Mel Lewis Orchestra. Desde então, Oatts desenvolveu um corpo de trabalho muito para além das fronteiras desta orquestra, em grupos como Flim & the BB's ou em colaborações com nomes e instituições importantes do jazz tais como, entre muitos outros, Lester Bowie, Ella Fitzgerald, a Carnegie Hall Jazz Band ou a Danish Radio Big Band, estabelecendo assim uma sólida reputação como multi-instrumentista no domínio dos instrumentos de sopro (saxofone, clarinete e flauta). Para além da sua obra colaborativa, o atual diretor artístico da Vanguard Jazz Orchestra possui igualmente um historial discográfico relevante como líder de formação e é igualmente um pedagogo respeitado, sendo presentemente o coordenador de estudos de jazz na Temple University de Philadelphia e, desde 1998, "artista em residência" no Conservatório de Amesterdão.

No concerto que protagonizará na edição do Guimarães Jazz 2023, a Vanguard Jazz Orchestra celebrará o centenário de Thad Jones, trompetista, fundador e compositor residente durante a primeira década de atividade deste ensemble, e membro de uma das famílias mais distintas do jazz (de lembrar que dois dos seus irmãos são os lendários Hank e Elvin Jones), cuja obra é hoje parte integrante e fundamental do legado jazzístico norte-americano do século XX.

The thirtieth-second edition of Guimarães Jazz will open with the performance onstage of one of the most iconic jazz orchestras of the United States of America: the historical group founded by trumpeter Thad Jones (in the role of resident composer) and drummer Mel Lewis (responsible for the musical direction) in the distant year of 1966, and which since 1990 goes by the name of Vanguard Jazz Orchestra, in homage to the mythical jazz club in New York (the Village Vanguard) where this ensemble made its debut causing an enormous impact on the musical scene of the time. Following Jones departure, after thirteen years of an extraordinarily prolific collaboration materialized in fifteen

albums and several world tours, Lewis fully assumed the leadership of the project and eventually recruited the renowned composer Bob Brookmeyer, whose compositional style determined a new musical direction, more in sync with jazz's evolution, for this ensemble, while other composers were contributing at the same time with new repertoire, thereby assuring the pertinency and the artistic vitality of this seminal project of New York's jazz history. With Mel Lewis physical disappearance in 1990, the orchestra adopted the name Vanguard Jazz Orchestra and nominated Jim McNeely its resident composer, a role which this distinguished musician, composer and arranger still continues to fulfill to this

day. Almost sixty years after its foundation, this unavoidable ensemble of the history of jazz, present for the first time in Guimarães Jazz in 1998, in a time when the festival was at the first stage of its trajectory of affirmation in Portugal's musical landscape, continues to honor the legacy of its founders and challenging the conventions of orchestral jazz. The line-up of musicians of the Vanguard Jazz Orchestra is formed, as someone would expect, by highly competent and reputed musicians from the jazz scene of New York, among them Dick Oatts, its artistic director and by far the most ancient member of the orchestra, a statute that qualifies him as the most knowledgeable of its history

and identity. Born and raised in Des Moines, Iowa, Richard Denis Oatts began his musical career in Minneapolis and moved to New York in 1977, the same year when he became a member of The Thad Jones/Mel Lewis Orchestra. Since then, Oatts has developed a body of work far beyond the frontiers of this ensemble, in groups such as Flim & The BB's or in collaboration with great jazz musicians and institutions such as, among others, Lester Bowie, Ella Fitzgerald, the Carnegie Hall Jazz Band or the Danish

Radio Big Band, thereby establishing his reputation as a gifted multi-instrumentalist in the domain of woodwind instruments (saxophone, clarinet and flute). Besides his curriculum as sideman, the current artistic director of the Vanguard Jazz Orchestra has a relevant discography as leader and is also a prestigious pedagogue – he was for some years a member of the Manhattan School of Music Faculty and is currently the coordinator of jazz studies at the Temple University of Philadelphia and, since 1998,

“artist-in-residence” at the Amsterdam Conservatory. In this concert at Guimarães Jazz, the Vanguard Jazz Orchestra will celebrate the centenary of Thad Jones, its founder and resident composer during the first decade of its activity and a member of one of the most distinguished families in jazz (his brothers Hank and Elvin Jones were two legendary musicians of the twentieth century), whose work is currently an integral part of jazz’s historical legacy.

## Aaron Parks Quartet

**SEXTA-FEIRA 10**  
CCVF / GRANDE AUDITÓRIO FRANCISCA ABREU

Aaron Parks piano  
Ben Solomon saxofone tenor  
Kanoa Mendenhall contrabaixo  
RJ Miller bateria

Uma figura bem conhecida do Guimarães Jazz, onde atuou em 2014 integrado no grupo de Terence Blanchard e em 2015 no contexto da banda James Farm, ao lado, entre outros, do virtuoso saxofonista Joshua Redman, Aaron Parks tem revelado ao longo dos últimos anos uma maturidade musical que justifica a sua apresentação no palco do festival com um projeto do qual é ele próprio o líder, neste caso um quarteto composto por um grupo de instrumentistas emergentes da cena jazzística nova-iorquina da segunda década do século XXI.

Um músico natural de Seattle e atualmente a residir em Nova Iorque, o pianista e compositor Aaron Parks mostrou desde muito cedo vocação e talento excecionais para a música que lhe valeram a admissão na Manhattan School of Music com a idade precoce de dezasseis anos e, apenas dois anos depois, o convite para a primeira de uma série de colaborações com o veterano trompetista Terence Blanchard iniciada com as gravações do álbum “A Tale of God’s Will” (A Requiem for Katrina). Em 2007, Parks editou o seu primeiro registo discográfico com o selo da Blue Note (“Invisible Cinema”), alcançando com ele uma projeção assinalável enquanto compositor e inaugurando uma obra que conta já com vários capítulos, tanto a solo como em formato de banda. Para além do seu trabalho composicional, materializado em várias gravações para a prestigiada editora ECM, o pianista colaborou também ao longo da sua trajetória profissional com diversos músicos nucleares do jazz contemporâneo, tais como Kurt Rosenwinkel, Ambrose Akinmusire, Marcus Miller ou Joshua Redman, para referenciar apenas alguns, e entre os seus projetos mais recentes podemos destacar o trio que mantém com o contrabaixista Matt Brewer e o baterista Eric Harland.

Ben Solomon é um saxofonista sedado em Nova Iorque cuja carreira profissional se inaugurou em digressão integrado na banda do lendário trompetista Wallace Roney, no contexto da qual colaborou com outros grandes nomes do jazz como Buster Williams, Gary Bartz e Ron Carter, entre outros. Um músico de sólida formação académica, Solomon mantém em paralelo uma atividade relevante como compositor e é também o autor de um livro de estudos de modulação em saxofone.

Originária do Japão e atualmente a residir em Nova Iorque, a baixista Kanoa Mendenhall estudou música na Columbia University e na Juilliard School, duas das mais



© jimmyjazz.com

prestigiadas escolas de música norte-americanas. Desde o início da sua carreira profissional, Mendenhall integrou a banda Good Vibes, liderada pelo vibrafonista Joel Ross, e o trio liderado pela vocalista Maria Grand, tendo também colaborado com vários instrumentistas de relevo do jazz norte-americano, tais como Marquis Hill, John Ellis e Charles Altura, entre outros.

RJ Miller é um baterista norte-americano originário do Maine cujas competências técnicas no domínio do jazz são complementadas por um interesse pela exploração da música eletrónica e ambiente, bem como pelo recurso a técnicas de justaposição de percussão, teclas e sintetizadores analógicos. Do seu currículo profissional podemos destacar as inúmeras colaborações com músicos da cena jazzística nova-iorquina (Ethan Iverson, Matt Penman e Ben Monder, para citar apenas alguns exemplos), bem como o seu trabalho no âmbito de projetos próprios, nomeadamente o trio de jazz eletrónico e psicadélico Jesus Cactus.

O Aaron Parks Quartet representa um regresso do pianista e compositor a um formato acústico, depois de muitos anos focado em grupos de pendor mais elétrico. Rítmica, subtil e eminentemente clássica, a música desta banda é baseada numa fusão de composição e improvisação suportada por ritmos diversificados e por um princípio irredutível de liberdade de expressão de todos os intervenientes.



© António Pereira Cano

A well-known musician of Guimarães Jazz, where he performed in 2014 as a member of Terence Blanchard's quintet and in 2015 with the band James Farm, alongside, among others, the renowned saxophonist Joshua Redman, Aaron Parks has achieved in the last few years a musical maturity that justifies his presence at the mainstage of this festival with a project under his own name and leadership, in this case a quartet formed by a group

of emergent musicians from New York's jazz scene of the second decade of the twenty-first century. A native of Seattle currently residing in New York, pianist and composer Aaron Parks revealed since a very young age an exceptional musical talent that granted him the admission to the prestigious Manhattan School of Music when he was only sixteen years-old and, two years later, the invitation for the first of a series of collaborations

with veteran trumpeter Terence Blanchard, namely the recording of the album "A Tale of God's Will (A Requiem for Katrina)". In 2007, Parks released his first record for the label Blue Note ("Invisible Cinema"), thus achieving a significant notoriety as composer and inaugurating a body of work as leader which is by now comprised of several chapters, both solo as in band format. Besides his compositional work, materialized in several recordings for

## Aaron Parks Quartet

the prestigious record label ECM, Aaron Parks has also collaborated throughout his professional trajectory with several nuclear musicians of contemporary jazz, such as Kurt Rosenwinkel, Ambrose Akinmusire, Marcus Miller or Joshua Redman, and among his most recent projects we may highlight the trio he maintains with double-bassist Matt Brewer and drummer Eric Harland. Ben Solomon is a saxophonist based in New York whose professional career in music was inaugurated touring with the band of the legendary trumpeter Wallace Roney, in the context of which he collaborated with other great names of jazz such as Buster Williams, Gary Bartz and Ron Carter, among others. In parallel to his work as sideman, Solomon, a musician of solid academic training, develops a relevant activity

as composer and is also the author of a book on modulation studies for saxophone. Born in Japan and currently residing in New York, bassist Kanoa Mendenhall studied at Columbia University and Juilliard School, two of the most prestigious musical academic institutions of the United States. Since the beginning of her professional career, Mendenhall was a member of the band Good Vibes, led by vibraphonist Joel Ross, and of the trio led by vocalist Maria Grand, having also collaborated with numerous reputed musicians of North-American jazz, such as Marquis Hill, John Ellis and Charles Altura, among many others. RJ Miller is a North-American drummer whose technical competences in jazz are complemented by an interest in the exploration of electronic and ambient music, as well as by techniques of juxtaposition

of percussion, keyboards and analogic synthesizers. His professional curriculum includes collaborations with musicians active in New York's jazz scene (among them Ethan Iverson, Matt Penman and Ben Monder, just to name a few), as well as a persistent work with his own projects, namely the trio of electronic and psychedelic jazz Jesus Cactus. The Aaron Parks Quartet marks the pianist and composer's return to an acoustic format after many years focused on projects of a more electric nature. Rhythmical, subtle and eminently classic, the music of this group is based on a fusion of composition and improvisation, supported upon diversified rhythms and inspired by an unfailingly principle of freedom of expression of all the musicians involved.



© Janete Beckmann

# Projeto Centro de Estudos de Jazz - Univ. Aveiro / Guimarães Jazz Pedro Molina Quartet

SÁBADO 11  
CCVF / PEQUENO AUDITÓRIO

Miguel Meirinhos piano  
Filipe Dias guitarra  
Gonçalo Ribeiro bateria  
Pedro Molina contrabaixo e composições

O ensemble distinguido no âmbito do concurso de jazz promovido pelo Centro de Estudos de Jazz da Universidade de Aveiro e selecionado para atuar no Guimarães Jazz 2023 foi o Pedro Molina Quartet, cujo arranjo original das composições “Will I Die, Will I Die?”, de Avishai Cohen, e “Nefertiti”, de Wayne Shorter, combinadas num tema único intitulado “Will I Die, Nefertiti?”, cativou a atenção do júri. Além do contrabaixista galego que surge na liderança deste projeto, o quarteto integra também o pianista Miguel Meirinhos, o guitarrista Filipe Dias e o baterista Gonçalo Ribeiro, todos eles nomes emergentes da mais recente geração de instrumentistas do jazz nacional e cuja identidade interpretativa enriquece as ideias originais desenvolvidas por Molina.

Natural de Múrcia e atualmente a residir na cidade do Porto, Pedro Molina iniciou os seus estudos de contrabaixo na cidade de Alicante para depois continuar a sua formação em Barcelona, com o contrabaixista Jordi Gaspar, e, mais tarde, no Porto, onde concluiu a sua formação em contrabaixo jazz na ESMAE. Ao longo da sua carreira profissional na música, Molina atuou em alguns dos festivais mais prestigiados da Península Ibérica, em colaboração com músicos espanhóis e portugueses de relevo como Elena Gómez, Pierre Léon, Fabio Miano, Pedro Jerónimo, Geof Bradsfield ou J. Bird Peterson.

Miguel Meirinhos, nascido em 1998, é um pianista formado em jazz pela ESMAE e residente na cidade do Porto. Ao longo dos últimos anos teve a oportunidade de integrar vários projetos focados na interpretação de música original. Em 2022 lançou o seu primeiro álbum em nome próprio, “Ninhos”, composto por música sua e da vocalista Joana Raquel. Recentemente tem colaborado com músicos ativos na cena portuguesa integrado em grupos como o Mário Barreiros Quarteto e o Nuno Campos Quarteto, e atualmente é membro da prestigiada Orquestra de Jazz de Matosinhos.

Filipe Dias (n.1990) é um guitarrista e professor licenciado em guitarra jazz na ESMAE, onde desenvolveu e aprofundou o domínio deste instrumento com os docentes Eurico Costa, Virxilio da Silva e Nuno Ferreira. Em 2017 integrou o grupo representante da ESMAE no festival de jazz do Teatro S. Luiz, tendo esta formação sido premiada com um concerto em direto para a Antena 2 na Casa da Música, e é também colaborador regular no âmbito dos projetos Quinteto de Ninguém, Loren things, Antón Iglesias e Tiago Baptista Quarteto e Filipe Dias Trio.

Natural da Guarda, Gonçalo Ribeiro é um baterista com formação no Curso Superior de Jazz e Música Moderna, da Universidade Lusíada, e na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo (ESMAE), onde teve como professor de instrumento Michael Lauren. Do seu currículo profissional consta a sua atividade enquanto membro do AP Quarteto, do grupo InnerVille e do Gianni Narduzzi Quinteto, bem como colaborações pontuais com a Orquestra de Jazz de Matosinhos e integrado no projeto “Serpente” liderado pelo reputado arranjador e compositor Carlos Azevedo.

The winner of the 2023 award promoted by the Centre of Jazz Studies of the University of Aveiro was the Pedro Molina Quartet, whose original arrangement of the themes “Will I Die, Will I Die”, by Avishai Cohen, and Wayne Shorter’s “Nefertiti”, blended into a single composition entitled “Will I Die, Nefertiti?”, captivated the attention of the jury. Besides the Galician double-bassist who leads this project, the quartet also includes Miguel Meirinhos on piano, Filipe Dias on guitar and Gonçalo Ribeiro on drums, all of them emerging names of the most recent generation of Portuguese jazz and whose musical identity enriches the original ideas developed by Molina. A native of Murcia, Spain

currently residing in Porto, Pedro Molina began his studies in double-bass at the Spanish city of Alicante, proceeded his musical education in Barcelona with double-bassist Jordi Gaspar, and concluded his academic formation at ESMAE. Throughout his professional career Molina has performed in some of the most prestigious jazz festival in the Iberia Peninsula, in collaboration with musicians such as Elena Gómez, Pierre Léon, Fabio Miano, Pedro Gerónimo, Geof Bradsfield or J. Bird Peterson. Born in 1998, Miguel Meirinhos is pianist graduated at ESMAE and currently residing in Porto. During the last few years, he was a member of several ensembles focused on the interpretation of original

music. In 2022 he released his debut album as leader, entitled “Ninhos”, based on both his original music and compositions written by vocalist Joana Raquel. More recently he has been collaborating with prominent projects from Porto’s jazz scene, such as the Mário Barreiros Quartet and the Nuno Campos Quartet, and he is currently a member of the Matosinhos Jazz Orchestra. Filipe Dias (b. 1990) is a guitarist graduated at ESMAE, where he studied with Eurico Costa, Virxilio da Silva and Nuno Ferreira. In 2017 Dias became member of the group that represented ESMAE at the jazz festival promoted by the S. Luiz Theater (which was awarded with the opportunity to perform live at Casa

da Música, a concert that was broadcasted by the radio station Antena 2) and he is also a regular collaborator of the groups Quinteto de Ninguém, Loren Things, Antón Iglesias and Tiago Baptista Quartet and Filipe Dias Trio. A native of Guarda, Gonçalo

Ribeiro is a drummer graduated in jazz at the Lusíada University and at ESMAE, where he studied with Michel Lauren. His professional curriculum includes his activity as a member of the AP Quartet, the band InnerVille and the Gianni Narduzzi Quartet, as

well as sporadic collaborations with the Matosinhos Jazz Orchestra and the project "Serpente", led by the prestigious arranger and composer Carlos Azevedo.

# Maya Homburger, Agustí Fernández, Barry Guy Trio

**SÁBADO 11**  
CCVF / PEQUENO AUDITÓRIO

Maya Homburger viola  
Agustí Fernández piano  
Barry Guy contrabaixo



© Jorge Carmona

O terceiro dia do Guimarães Jazz 2023 abrirá com aquela que será talvez a proposta mais extemporânea em relação à tradição clássica do jazz incluída no programa deste ano. Como um espelho do corpo de trabalho daquele que será porventura o mais reconhecido dos seus protagonistas – o multifacetado contrabaixista e compositor Barry Guy – e da identidade musical dos dois músicos notáveis que a completam – a violinista clássica Maya Homburger e o pianista de jazz e improvisador Agustí Fernández – esta formação reflete uma das melhores versões possíveis que a contemporaneidade pode oferecer da confluência harmoniosa e altamente criativa dos universos do jazz e da música clássica, da composição e da improvisação.

A violinista Maya Homburger nasceu e cresceu em Zurique e mudou-se em 1986 para Inglaterra por forma a prosseguir carreira no circuito britânico de música clássica, o que veio a acontecer com evidente sucesso e assinalável reconhecimento crítico. No seu currículo contam-se as colaborações com ensembles de música antiga como o John Eliot Gardiner's English Baroque Soloists ou o Trevor Pinnock's The English Concert, entre outros grupos da sua própria iniciativa e criação, e a gravação discográfica de composições de J.S. Bach, G.Ph. Telemann e H. I. F. Biber. Desde o seu encontro com Barry Guy, o trabalho de Homburger tem-se focado no desenvolvimento do seu estilo pessoal no violino barroco, tanto na interpretação das obras de outros compositores, como a solo e no contexto da música improvisada.

Agustí Fernández (Palma de Maiorca, 1954) é um pianista espanhol de projeção internacional no contexto da cena global da improvisação livre e também com um trabalho significativo de direção de ensembles. Ao longo da sua carreira prolífica e diversificada, Fernández colaborou com grandes improvisadores como Peter Kowald, Evan Parker (cujo Ensemble Eletro-Acústico integrou), Joe Morris, Peter Evans ou Mats Gustafsson, entre muitos outros nomes prestigiados da música global, bem como com instituições prestigiadas do jazz como a London Jazz Composers Orchestra, tendo editado até à data mais de duzentos e cinquenta registos discográficos.

Ao longo das últimas cinco décadas, o contrabaixista e compositor inglês Barry Guy desbravou através da sua atividade artística inúmeros territórios musicais – da música

antiga à experimentação mais radical – em ventos cruzados de criação intersectados por encontros com incontáveis ensembles e criadores. Um músico simultaneamente físico e cerebral, teórico e preceptivo, com uma obra ramificada por trabalhos desenvolvidos a solo, como líder ou em parceria cúmplice com outras figuras seminais do jazz avant-garde e da improvisação livre, como Derek Bailey, Tony Oxley, Marillyn Crispell ou Evan Parker, Barry Guy é unanimemente considerado um dos percussores europeus do que hoje entendemos ser a música mais representativa da contemporaneidade – um movimento amplo e pluridimático definido não pelos géneros, mas pela transgressão constante de fronteiras artísticas e culturais.

Se a relação de profunda cumplicidade pessoal e artística entre Maya Homburger e Barry Guy constituiu a génese espiritual deste projeto, as ligações entre os três músicos expandem-se à Blue Shroud Orchestra, um ensemble de catorze músicos liderado por Guy que gravou recentemente no Porto aquele que será o seu terceiro registo discográfico. Plenamente integrada no fluxo da tradição musical europeia, e influenciada tanto pelas extremidades angulosas do free jazz como pelas abstrações cosmológicas da composição erudita contemporânea, a música deste trio espera-se intelectualmente exigente e sensorialmente recompensadora.



© Direitos reservados

The third day of the 2023 edition of Guimarães Jazz will open with what will be perhaps the most extraordinary concert in regards to the classical tradition of jazz included in this year's program of the festival. As a mirror of the body of work of the most renowned of its protagonists – the multifaceted double-bassist and composer Barry Guy – and of the musical identity of the two remarkable musicians

who accompany him in this trio – the classical violinist Maya Homburger and the jazz pianist and improviser Agustí Fernández – this group reflects one of the best possible versions that contemporaneity has to offer of the harmonious and highly creative confluence of the universes of jazz and classical musical, of composition and improvisation. Born and raised in Zurich, Maya Homburger moved to

England in 1986 to pursue a career in the British circuit of classical music, an objective which she achieved with notable success and critical recognition. Her curriculum in this field includes collaborations with ensembles devoted to the interpretation of ancient music such as the John Eliot Gardiner's English Baroque Soloists or the Trevor Pinnock's The English Concert, among others of her own initiative and creation,

as well as recordings of compositions by J.S. Bach, G.Ph. Telemann and H.I.F. Biber. Ever since her encounter with Barry Guy, Homburger's work has been focused on the development of her own personal style in baroque violin, both interpreting the compositions of other composers as well as in the context of improvised music. Agustí Fernández (Palma de Maiorca, 1954) is a Spanish pianist of international reputation in the context of the global scene of free improvisation, and with a relevant body of work in the direction of ensembles. Throughout his prolific and diversified career, Fernández has collaborated with great improvisors of contemporary music, such as Peter Kowald, Evan Parker (of whose Electro-Acoustic Ensemble he was a member), Joe Morris, Peter Evans or Mats Gustafsson, among many other prestigious names, as well as with venerable institutions of jazz such as the London Jazz Composers Orchestra, having participated throughout his career in more than two hundred and fifty

discographic editions. Throughout the last fifty decades of his career the British double-bassist and composer Barry Guy has explored countless musical territories – ranging from ancient music to the most radical experimentation – in the midst of crossed winds of creation intersected with countless ensembles and artists. A simultaneously physical and cerebral, theoretical and perceptive, musician with a body of work unfolded through multiple layers of a highly prolific activity as soloist, as leader or in partnership with seminal figures of avant-garde jazz or free improvisation such as Derek Bailey, Tony Oxley, Marilyn Crispell or Evan Parker, Barry Guy is nowadays unanimously considered one of the precursors of what we currently understand to be the most pertinent form

of contemporary music – a wide and pluri-idiomatic movement defined not by genres, but by the permanent transgression of artistic and cultural frontiers. The relation of profound personal and artistic complicity between Maya Homburger and Barry Guy constitutes the spiritual genesis of this project, but the relations between the three musicians also expand through their collaboration in the context of other groups, namely the Blue Shroud Orchestra, an ensemble of fourteen musicians led by Barry Guy which just recently recorded in Porto what will be their third record. Fully integrated in the flux of the European classical tradition and influenced both by the angulous extremities of free jazz as well as by the cosmological abstractions of contemporary

composition, from the music of this trio it is legitimate to expect an intellectually challenging and sensorially rewarding musical experience.



© Mark McColl

# Michael Formanek Septet "New Digs"

SÁBADO 11

CCVF / GRANDE AUDITÓRIO FRANCISCA ABREU

Michael Formanek contrabaixo  
Alexander Hawkins órgão  
Chet Doxas saxofone tenor e clarinete  
John O'Gallagher saxofone alto  
Mary Halvorson guitarra  
Tomas Fujiwara bateria  
João Almeida trompete

O encerramento do dia em que, nesta edição do festival, olhamos com maior proximidade para as correntes de experimentação paralelas ao fenómeno jazzístico será protagonizado pelo septeto "New Digs", liderado pelo conceituado contrabaixista, compositor, improvisador e pedagogo norte-americano Michael Formanek, um projeto, é importante realçar, criado especificamente para o Guimarães Jazz.

Apesar de originário de São Francisco, Califórnia, o nome de Michael Formanek é habitualmente associado à cena jazzística de tendência avant-garde nova-iorquina, da qual é considerado um representante nuclear das últimas cinco décadas. O seu trajeto na música é, à falta de melhor qualificativo, notável: inaugurou-se nos anos 1970, ao lado de músicos lendários como Tony Williams, Joe Henderson, Stan Getz ou Fred Hersch, e prosseguiu pelas décadas seguintes ramificado por inúmeros ensembles como líder ou em colaboração com alguns dos nomes mais influentes do jazz contemporâneo. Entre a miríade de formações em que Formanek se envolveu ao longo dos anos podemos destacar o explosivo quarteto Bloodcount (liderado por Tim Berne e complementado pelo baterista Jim Black e pelo saxofonista Chris Speed, dois músicos extraordinariamente prestigiados do circuito jazzístico mundial) e o ensemble de dezoito músicos Kolossus, formado por um conjunto de improvisadores nova-iorquinos e colaboradores habituais de Formanek e com o qual o contrabaixista gravou para a editora ECM. Entre a sua obra autoral é incontornável mencionar o septeto que fundou nos anos 1990 ao lado de, entre outros, Dave Douglas, Frank Lacy e o já mencionado Tim Berne, e o seu álbum de estreia como líder, o extraordinário e altamente inventivo "Wide Open Spaces", uma gravação de 1990 protagonizada por uma formação idiossincrática e superlativa que incluía o violinista Mark Feldman e o baterista Jeff Hirsfield.

Se considerarmos a atividade mais recente de Michael Formanek, talvez um dos seus projetos mais relevantes seja o trio Thumbscrew que o contrabaixista mantém com a guitarrista Mary Halvorson (eventualmente um dos nomes em maior ascensão no circuito global do jazz de tendência exploratória) e o baterista Tomas Fujiwara, um músico altamente criativo e igualmente influente nestes territórios musicais, hoje em nítida proeminência, caracterizados pelo hibridismo estético. Ambos se incluem neste septeto que fará a sua estreia no Guimarães Jazz, cujo *line-up* é completado pelo pianista britânico Alexander Hawkins, pelos saxofonistas norte-americanos Chet Doxas (que atuará também nesta edição do festival integrado na banda Landline Plus One) e John O'Gallagher e, finalmente, pelo trompetista norueguês Kasper Weye Tranberg. Trata-se, portanto, de um grupo eclético de instrumentistas oriundos dos dois lados do Atlântico e altamente inventivos do ponto de vista idiomático, os quais têm em comum a relação de cumplicidade criativa com Michael Formanek e uma propensão para a experimentação musical. O facto de esta formação ter sido criada especificamente para o festival engrandece este evento e consolida também a relação do Guimarães Jazz com os músicos que marcam a cena jazzística do presente, sendo de assinalar que Mary Halvorson, Tomas Fujiwara e Alexander Hawkins são nomes conhecidos deste palco, onde atuaram anteriormente, no caso de Fujiwara e de Hawkins integrados no quinteto liderados por Taylor Ho Bynum (2015) e Halvorson em 2018, enquanto membro do projeto "Uplift" de Dave Douglas.

The closing of the day in which, at this year's edition of the festival, we pay a closer attention to the currents of experimentation parallel to the jazz phenomenon will be of the responsibility of the septet New Digs, led by the reputed double-bassist, composer, improviser and pedagogue Michael Formanek, a project that was exclusively created to be presented at Guimarães Jazz. Although a native of San Francisco, California, Michael Formanek is usually associated to the avant-garde jazz scene of New York, of which he is considered one of the most fundamental representatives of the last five decades. His trajectory in music is, in lack of better words, absolutely remarkable: it was

inaugurated in the 1970's, alongside legendary musicians such as Tony Williams, Joe Henderson, Stan Getz or Fred Hersch, and proceeded throughout the following decades both in the context of the several ensembles of which he was the leader as well as in collaboration with some of the most influential names of contemporary jazz. Among the myriad of formations in which Formanek was involved we may highlight the explosive quartet Bloodcount (led by Tim Berne and complemented by drummer Jim Black and saxophonist Chris Speed, two extraordinary musicians of the contemporary global jazz circuit) and the 18-piece ensemble Kolossus, formed by a group of Formanek's close accomplices

and improvisors from New York. From his body of work as leader we may highlight the septet founded in the 1990s, alongside Dave Douglas, Frank Lacy and the aforementioned Tim Berne, among others, and Formanek's debut album as leader, the magnificent and highly inventive "Wide Open Spaces", recorded by an idiosyncratic and superlative band that included violinist Mark Feldman and drummer Jeff Hirsfield. Among Formanek's most recent activity one of his most relevant projects is the trio Thumbscrew, alongside guitarist Mary Halvorson (eventually one of the most praised musicians within the global circuit of exploratory jazz) and drummer Tomas Fujiwara, a highly creative and equally

influential musician. Both are members of the septet that will make its debut in Guimarães, a formation completed by British pianist Alexander Hawkins (according to some influential critics, one of the most important European jazz musicians of the present), North-American saxophonists Chet Doxas (who will also perform at the festival with the band Landline Plus One) and John O' Gallagher and, finally, by Norwegian trumpeter

Kasper Weye Tranberg. This septet is thus formed by an eclectic group of instrumentalists from both sides of the Atlantic and highly creative from an idiomatic point of view, who share both the relation of artistic complicity with Michael Formanek and a proclivity for musical experimentation. The fact that this group was purposely assembled to perform at Guimarães Jazz aggrandizes this event and consolidates the festival's

relationship with some of the most influential musicians of the present, and in this context it is worth mentioning that Mary Halvorson, Tomas Fujiwara and Alexander Hawkins have previously performed at our stage, in the case of Fujiwara and Hawkins with the quintet led by Taylor Ho Bynun (2015) and of Halvorson as a member of Dave Douglas' Uplift band, in 2018.



© C. Marx, Photomax

# Projeto Orquestra de Jazz da ESMAE / Guimarães Jazz

## dirigido por Landline Plus One

**DOMINGO 12**

CCVF / GRANDE AUDITÓRIO FRANCISCA ABREU

Jacob Sacks piano · Chet Doxas saxofone · Vinnie Sperrazza bateria · Zack Lober contrabaixo · Suzan Veneman trompete · Orquestra de Jazz da ESMAE · António Martim F. Pedro Gouveia saxofone · Igor Andril Cavaz saxofone · Lucas Miguel Silva Oliveira saxofone · Pedro de Matos Miranda saxofone · Samuel Alexandre Antunes Cordeiro saxofone · João Pedro Marques Tavares trompete · Márcia Soares Muñoz trompete · Pedro Luis Ferreira Sequeira trompete · Rúben Miguel Rodrigues Rosa trompete · Vasco Morado Faria Silva trompete · Bruno Miguel Ferreira Costa trombone · Maria Beatriz Silva e Moura trombone · Miguel Fim Bessa trombone · Rodrigo Murteira dos Santos trombone · Miriam Morgado Garcês da Silva canto · Susana Lisete Pais Neves canto · Matilde Lim Pratas Nogueira piano · Simão Costa Raimundo piano · Martim Rafael F. S. Pereira Godinho guitarra · Sandro Miguel Magalhães Coelho vibrafone · Francisco Varela Gomes Azevedo contrabaixo · João Filipe Teixeira Rocha bateria

A vertente pedagógica do Guimarães Jazz constitui uma das dimensões mais importantes do festival e este projeto de direção da Orquestra de Jazz da ESMAE, atualmente uma das mais prestigiadas instituições académicas especializadas no ensino da música em Portugal, constitui, a par com as oficinas de jazz, um dos eixos estruturantes dessa vocação formativa.

Iniciada, nos moldes atuais, em 2012, esta parceria mantém este ano a sua proposta de residência e trabalho de colaboração entre os alunos e membros da orquestra da ESMAE com músicos experientes e detentores de um trabalho relevante no campo jazzístico. Em 2023 este projeto será assumido pelo ensemble de composição coletiva, improvisação e colaboração interdisciplinar Landline Plus One, formado pelo pianista Jacob Sacks, pelo saxofonista Chet Doxas, pelo contrabaixista Zach Lober, pelo baterista Vinnie Sperrazza e ainda pela trompetista Suzan Veneman. O Guimarães Jazz voltará assim a proporcionar a um grupo de jovens músicos uma experiência criativa de elevada exigência baseada num princípio basilar de assimilação de conhecimentos e ideias, favorecendo assim o crescimento artístico e o desenvolvimento das competências técnicas dos estudantes do presente que serão, em breve, os protagonistas do futuro do jazz nacional.

The pedagogical facet of Guimarães Jazz constitutes one of the festival's most important dimensions and the project with the Jazz Orchestra of ESMAE, one of Portugal's prestigious academic institutions specialized in the teaching of music, is, alongside with the workshops, one of the pivots of this formative effort. This partnership, which began in 2012, is based on a proposal of residency and

collaboration between the students and the members of ESMAE's orchestra with experienced musicians with a relevant work in the field of jazz music. In 2023 will be of the responsibility of the group Landline Plus One, an ensemble of collective composition, improvisation and interdisciplinary collaboration formed by pianist Jacob Sacks, saxophonist Chet Dexas, double-bassist Zach Lober, drummer Vinnie Sperazza and

trumpeter Suzan Veneman. Guimarães Jazz will again offer a group of young musicians a highly challenging creative experience based on a crucial principle of assimilation of knowledge and ideas, thus favoring the artistic growth and the development of the technical skills of the students of the present who will be the future of Portuguese jazz.



© Paulo Pacheco

# Projeto Porta-Jazz / Guimarães Jazz [Soma]

DOMINGO 12  
CIAJ9 / BLACK BOX

José Soares sopros e composições · José Diogo Martins piano  
Omer Govreen contrabaixo · João Lopes Pereira bateria ·  
Várvara Tazelaar artista visual

Em 2023, a proposta sugerida no âmbito da parceria entre o Guimarães Jazz e a associação portuense Porta-Jazz será o projeto Soma, protagonizado por um quarteto liderado pelo saxofonista e compositor José Soares. A atuação deste ensemble, formado, para além de Soares, pelo pianista José Diogo Martins, pelo contrabaixista Omer Govreen e pelo baterista João Lopes Pereira, será complementada pela colaboração com a artista visual argentina Várvara Tazelaar. Musicalmente influenciadas pela estética da música contemporânea, do noise e das tendências de experimentação, as composições e as imagens desenvolvidas no âmbito deste projeto terão como ponto de partida e de expansão narrativa textos da autoria de Gonçalo M. Tavares, Robert Musil, Gaston Bachelard, Clarice Lispector e Maria Gabriela Llansol.

José Soares (n. Luxemburgo, 1991) iniciou os seus estudos musicais na Sociedade Filarmónica Santanense, no concelho da Figueira da Foz, e concluiu o grau académico na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo (ESMAE) e no Conservatório de Amesterdão, tendo também frequentado ao longo do seu percurso masterclasses e workshops dirigidos por grandes instrumentistas do jazz contemporâneo, tais como Tony Malaby, Ralph Alessi ou John Escreet. Para além da sua atividade integrado em formações alargadas como a Orquestra de Jazz de Matosinhos e a Banda Sinfónica Portuguesa, este saxofonista é atualmente um dos membros do Ensemble Super Moderne e colaborador regular de alguns dos nomes mais relevantes da nova geração do jazz português, como Eduardo Cardinho, Pedro Melo Alves ou João Grilo, entre outros. Em paralelo, José Soares desenvolve um trabalho prolífico de composição em formações lideradas ou colideradas pelo próprio, no âmbito das quais trabalha com um conjunto de músicos portugueses e estrangeiros, nomeadamente a vocalista Fuensanta Mendéz, o trompetista Alistair Payne, o contrabaixista Jort Terwijn e o guitarrista Gonçalo Neto.



©Direitos reservados

Natural de Israel e atualmente a residir em Amesterdão, onde concluiu os seus estudos musicais, Omer Govreen (n. 1994) é um contrabaixista em destaque na cena jazzística israelita e holandesa em virtude de um trabalho diversificado como sideman, integrado em projetos liderados por músicos prestigiados como Aviv Noam, Billy Cobham e Michael Moore, e enquanto líder das suas próprias formações, entre as quais podemos destacar os grupos Garden Crack e Govreen/Sever, este último coliderado pelo pianista Aleksander Sever.

João Lopes Pereira (n. Lisboa, 1994) é um baterista com uma sólida formação musical, tanto no campo da percussão clássica como no jazz, e um músico que, apesar da sua juventude, apresenta um currículo profissional impressionante, tendo já colaborado com vários dos nomes mais reputados do jazz nacional, nomeadamente Filipe Melo, Sara Serpa, Perico Sambeat, Ricardo Roscano ou Mário Laginha, entre outros. Para além da sua atividade colaborativa, João Lopes Pereira desenvolve trabalho com o grupo ¡GOLPE!, coliderado em parceria com o trompetista Gonçalo Marques.

Natural de Braga, José Diogo Martins (n. 1993) frequentou a Escola Superior de Música de Lisboa e o Rytmsk Musikkonservatorium, em Copenhaga, e ao longo da sua trajetória profissional tem colaborado com músicos importantes do jazz português como Demian Cabaud, Marcos Cavaleiro, Mané Fernandes ou Hugo Antunes, entre outros, registando também participações no Omniae Ensemble de Pedro Melo Alves, no grupo Empa de Miguel Rodrigues e no projeto Jazz in the Space Age, enquanto solista convidado da Orquestra Jazz de Matosinhos. Como compositor, escreveu a ópera “THEATRO — um ensaio geral”, em parceria com Pedro Lima e Francisco Fontes.

Várvara Tazelaar é uma artista argentina com uma formação diversificada em fotografia, design, escultura e produção de moda e uma atividade profissional desdobrada por vários campos artísticos, entre os quais a fotografia, realização de vídeos, criações cenográficas e direção de arte.

## Apresentação do CD Porta-Jazz / Guimarães Jazz 2022 *NO FINAL DO CONCERTO*

No ano transato, o projeto multidisciplinar proposto pela Porta-Jazz em parceria com o Guimarães Jazz foi o espetáculo “matriz\_motriz”, um ensemble de guitarra, eletrônica, piano e voz, expandido pela presença performática e coreografia da artista norte-americana Brittanee Brown. Descrito pelo seu fundador, o guitarrista Mané Fernandes, como um exercício sobre “a especificidade do movimento”, este projeto definiu-se musicalmente pela interseção de técnicas mistas de improvisação, micro-composição e exploração de ritmos alternativos, três dimensões distintas percebidas não apenas como sons, mas como matrizes para uma dança que dialogou em tempo real com a música de Mané Fernandes e João Grilo e com as vozes de Mariana Dionísio, Sofia Sá e Vera Moraes. Como tem sido prática habitual, no final da apresentação do projeto deste ano, será lançado o disco resultante da edição de 2022.

In 2022, the interdisciplinary project proposed by Porta-Jazz in partnership with the festival was “matriz\_motriz”, an ensemble of guitar, electronics, piano and voice, expanded by a choreography and performance by North-American artist Brittanee Brown. Described by its leader, guitarist Mané Fernandes, as an exercise about “the specificity of movement”, this project was defined by the intersection of mixed techniques of improvisation, micro-composition and exploration of alternative rhythms, three musical dimensions which in this context were perceived not only as sound, but as the matrix of a dance in real-time dialogue with the music of Mané Fernandes and João Grilo and the voices of Mariana Dionísio, Sofia Sá e Vera Moraes. As has been usual practice, at the end of this year’s project presentation, the album resulting from the 2022 edition will be released.

In 2023 the proposal suggested in the context of the partnership between Guimarães Jazz and the association Porta-Jazz will be the project Soma, a quartet led by the saxophonist and composer José Soares. The performance of this ensemble – formed, besides Soares, by José Diogo Martins on piano, Omer Govreen on double-bass and João Lopes Pereira on drums – will be complemented by the collaboration with Argentinian visual artist Varvara Tazelaar. Musically influenced by the aesthetics of contemporary music, noise music and experimentalist tendencies, the compositions and the images developed within this project will be based upon and narratively expanded by the texts of Gonçalo M. Tavares, Robert Musil, Gaston Bachelard, Clarice Lispector and Maria Gabriela Llansol. José Soares (b. Luxembourg, 1991) began his musical studies at the Philharmonic Society Santanense, in Figueira da Foz, and proceeded his academic training at ESMAN and the Amsterdam Conservatory, having also attended several masterclasses and workshops directed by great jazz musicians of the present, such as Tony Malaby, Ralph Alessi or John Escreet. In parallel to his activity with extended ensembles such as the Matosinhos Jazz Orchestra and the Portuguese Symphonic

Band, the saxophonist is currently a member of the Ensemble Super Moderne and a regular collaborator of some of the most notorious names of the new generation of Portuguese jazz, namely Eduardo Cardinho, Pedro Melo Alves or João Grilo, among others. José Soares is also engaged in a prolific work of composition as leader or co-leader, in bands where he collaborates with several foreign musicians, among them vocalist Fuensanta Mendéz, trumpeter Alistair Payne or bassist Jort Terwijn. A native of Israel currently living in Amsterdam, where he concluded his musical studies, Omer Govreen (b. 1994) is a double-bassist active both in the Israeli and Dutch jazz scenes and with a multifaceted work both as sideman, in groups led by prestigious musicians such as Aviv Noam, Billy Cobham or Michael Moore, as well as leader of his own formations, among which he may highlight the bands Garden Crack and the duo Govreen/Sever, co-lead with pianist Aleksander Sever. João Lopes Pereira (b. Lisbon, 1994) is a drummer with a solid musical training, both in jazz as well as in the domain of classical percussion, and a musician who, despite his youth, already presents an impressive curriculum of collaborations with several of the most reputed figures of Portuguese jazz, among

them Filipe Melo, Sara Serpa, Perico Sambeat, Ricardo Toscano or Mário Laginha. Besides his activity as sideman, João Lopes Pereira develops an authorial work with the band !Golpe!, which he co-leads with trumpeter Gonçalo Marques. A pianist from Braga, José Diogo Martins (b. 1993) has attended classes at the Superior Music School of Lisbon and the Rytmsk Musikkonservatorium, in Copenhagen, and throughout his professional career has collaborated with important musicians of Portuguese jazz and improvised music, such as Demian Cabaud, Marcos Cavaleiro, Mané Fernandes or Hugo Antunes, among others, while also participating in projects such as the Omniae Ensemble of Pedro Melo Alves, the group Empa of Miguel Rodrigues and the project Jazz in the Space Age, as invited soloist of the Matosinhos Jazz Orchestra. As a composer, José Diogo Martins wrote the opera “THEATRO – general rehearsal”, in partnership with Pedro Lima and Francisco Fontes. Varvara Tazelaar is an Argentinian artist formally trained in photography, design, sculpture and fashion production, with a multifaceted professional activity in various artistic fields as a photographer, video director, scenographer and art director.

# Projeto Orquestra de Guimarães / Guimarães Jazz com Mário Costa

**QUINTA-FEIRA 16**  
CCVF / GRANDE AUDITÓRIO FRANCISCA ABREU

**Mário Costa** composição, bateria e eletrônicas · **Cuong Vu** trompete · **Jozef Dumoulin** piano e eletrônicas  
**Bruno Chevillon** contrabaixo · **Carlos Azevedo** arranjos e direção · **Orquestra de Guimarães**  
**Nuno Meira, Cátia Sá, Rafaela Silva** violino I · **Filipa Abreu, Joaquim Matos, Mara Silva** violino II  
**Cristóvão Andrade, Carla Marques** viola · **Carina Albuquerque, António Ferreira** violoncelo  
**Filipa Lima** flauta · **Luís Alves** oboé · **Paulo Martins** clarinete · **Ana Bastos** fagote · **Bruno Rafael** trompa

Ao fim de sete edições do projeto conjunto entre o festival e a Orquestra de Guimarães, todas elas cumpridas com assinalável sucesso artístico e impacto positivo no público, esta parceria assume hoje uma importância estrutural no programa do Guimarães Jazz e, da nossa parte, é extremamente satisfatório saber que demos o nosso contributo para o crescimento da jovem formação vimaranense ao proporcionar-lhe renovadas experiências de trabalho criativo com figuras importantes do jazz nacional e internacional. Em 2023, a Orquestra de Guimarães acompanhará o quarteto de Mário Costa, um baterista e compositor que tem protagonizado um percurso musical consistente e de invulgar projeção quando falamos de músicos portugueses no circuito jazzístico europeu, e que neste concerto será acompanhado por três notáveis instrumentistas: o contrabaixista Bruno Chevillon, o trompetista Cuong Vu e o teclista Jozef Dumoulin. A direção e os arranjos serão da responsabilidade de Carlos Azevedo, um músico com créditos firmados no panorama do jazz e da música erudita portuguesa.

Mário Costa nasceu em 1986 em Viana do Castelo e do seu currículo formativo consta a licenciatura em jazz pela ESMAE, complementada por aulas particulares e a frequência de masterclasses nos EUA com vários músicos influentes deste género musical. Na última década o trabalho multifacetado deste baterista no circuito estrito do jazz, materializado tanto em colaborações com nomes de relevo portugueses e norte-americanos tais como Hugo Carvalhais, Tim Berne, Chris Corsano, ou Wynton Marsalis, como ao lado de figuras da música pop como a fadista Ana Moura, permitiu-lhe construir uma reputação meritória na paisagem da música global. Do seu trabalho mais recente é importante destacar o grupo sFumato, em que o baterista surge ao lado de Émile Parisien, Michel Portal e Joachim Kühn, e o álbum “Oxy Patina”, editado pela CleanFeed e que representou a estreia

de Mário Costa em nome próprio e como compositor, um projeto no âmbito do qual colaborou com instrumentistas epicentrais do jazz francês contemporâneo, nomeadamente o pianista Benoît Delbecq e o guitarrista Marc Ducret.

Um músico idiossincrático, sempre posicionado nas orlas tangenciais da criação contemporânea, Bruno Chevillon é hoje unanimemente considerado uma das figuras mais relevantes no movimento jazzístico europeu de tendência avant-garde. O trajeto de Chevillon, um antigo aluno de artes, foi decisivamente marcado pela sua relação de intensa atividade criativa com Louis Sclavis e com Michel Portal, dois nomes incontornáveis do jazz francês, e tem-se desdobrado ao longo do tempo por colaborações profícuas com inúmeros criadores que com ele partilham a sua afinidade pela experimentação e cruzamento de fronteiras estéticas, materializadas em quase cinquenta registos discográficos.

O trompetista norte-americano de ascendência vietnamita Cuong Vu é um músico prestigiado do circuito musical contemporâneo com um historial de largo espectro de colaborações com artistas oriundos de diferentes territórios musicais, entre os quais podemos destacar Pat Metheny, Laurie Anderson ou David Bowie. Sedado em Nova Iorque, Vu lançou até à data oito álbuns em nome próprio ou como líder de formação.

Natural da Bélgica e atualmente a viver em Paris, Jozef Dumoulin é um teclista reconhecido pelo seu virtuosismo técnico e abordagem pessoal ao piano e ao Fender Rhodes, consumada num percurso criativo que se expande por diversas estéticas musicais. Além do seu trabalho composicional a solo, os seus projetos autorais no campo do jazz incluem o trio The Red Hill Orchestra (ao lado de Ellery Eskelin e Dan Weiss) e o duo que mantém com Benoît Delbecq, e do seu currículo profissional constam também colaborações com grandes músicos do jazz tais como Mark Turner, Michael Brecker ou Dave Liebman.

Natural de Vila Real, Carlos Azevedo é um arranjador, compositor e maestro com estudos musicais no Conservatório de Música do Porto, na Escola Superior de Música do Porto, onde é atualmente professor, e na Universidade de Sheffield (Inglaterra). Da sua vasta obra distinguem-se encomendas para a Orquestra Nacional do Porto e para Orquestra Sinfónica, entre outras instituições de prestígio da música clássica portuguesa. No panorama jazzístico tem desenvolvido uma intensa atividade como pianista e compositor, destacando-se inúmeras obras e gravações para a Orquestra de Jazz de Matosinhos e colaborações com a European Youth Jazz Orchestra e a Brussels Jazz Orchestra.

After seven editions of the joint project between the festival and the Orchestra of Guimarães, each one of them accomplished with remarkable artistic success and a highly positive impact on the audience, this partnership is nowadays of structural importance to Guimarães Jazz and it is with

great satisfaction that we acknowledge the contribution we gave to the growth of this young ensemble by providing it challenging work experiences with relevant musicians of both the Portuguese and the international jazz scene. In 2023 the Orchestra of Guimarães will accompany the Mário Costa Quartet, led

by a drummer and composer who in the last few years has been developing a musical trajectory of extreme consistency and unusual recognition regarding Portuguese musicians in the European jazz circuit, and who in this concert will perform alongside three distinguished instrumentalists: French bassist

Bruno Chevillon, American-Vietnamese trumpeter Cuong Vu and Belgian keyboardist Jozef Dumoulin. The musical direction and the arrangements will be of the responsibility of Carlos Azevedo, a composer and maestro with a well-established reputation in the landscape of Portuguese jazz and classical music. Mário Costa was born in 1986 in Viana do Castelo and his academic curriculum includes a graduation in jazz by ESMAE, complemented by private lessons and workshops in the USA with several influential jazz musicians. During the last decade the multifaceted work of this drummer and composer, both in jazz (materialized in collaborations with prominent names of this genre such as Tim Berne, Chris Corsano or Wynton Marsalis) as well as alongside pop music figures, such as renowned fado singer Ana Moura, allowed him to achieve a significative reputation in global music. Of his most recent work we may highlight the group sFumato, alongside Émile Parisien, Michel Portal and Joachim Kühn, and the album "Oxy Patina", released by the Portuguese record label CleanFeed, a project that represented Mário Costa's debut as leader and composer, and in the context of which he collaborated with epicentral instrumentalists of French contemporary jazz, namely the pianist Benoît Dellbeccq and the guitarist Marc Ducret.

As idiosyncratic musician, permanently positioned on the edges of contemporary creation, Bruno Chevillon is nowadays unanimously considered one of the most relevant creators of the European avant-garde jazz movement. The professional trajectory of Chevillon, a former arts student, was decisively influenced by his relation of intense creative complicity with Louis Sclavis and Michel Portal, two unsurmountable names of French jazz, and has unfolded over time through many fruitful collaborations with countless musicians with whom he shares his proclivity to experimentation and to the intersection of aesthetical frontiers, a body of work that is documented in more than fifty discographic editions. The trumpeter of Vietnamese descent Cuong Vu is a prestigious musician with a wide-spectrum curriculum of collaborations with prestigious artists not only of jazz but also from other musical territories, such as Pat Metheny, Laurie Anderson or David Bowie. Currently residing in New York, Vu has released to this date eight albums under his own name or as leader. A native of Belgium currently residing in Paris, keyboardist Jozef Dumoulin is recognized for his technical skills and his personal approach to piano and organ, materialized in a creative work expanded through various musical aesthetics. Besides his

compositional work solo, Dumoulin's has authorial projects in the field of jazz, namely the trio The Red Hill Orchestra (alongside Ellery Eskelin and Dan Weiss) and the duo he maintains with Benoît Dellbeccq, and his professional curriculum also includes collaborations with great jazz musicians such as, among others, Mark Turner, Michael Brecker or Dave Liebman. Carlos Azevedo is an arranger, composer and maestro from Vila Real and trained at the Music Conservatory of Porto, at ESMAE, where is currently teaches, and at the University of Sheffield (England). Among his vast work in the musical field, we may highlight the commissions for the National Orchestra of Porto and for the Symphonic Orchestra of Lisbon, among other prestigious institutions of Portuguese classical music. In the field of jazz, he has developed an intense activity as pianist and composer, including compositions and recordings for the Matosinhos Jazz Orchestra and collaborations with the European Youth Jazz Orchestra and the Brussels Jazz Orchestra.



Apoio



# Buster Williams & Something More

SEXTA-FEIRA 17

CCVF / GRANDE AUDITÓRIO FRANCISCA ABREU

Buster Williams contrabaixo  
Steve Wilson saxofones  
Tommaso Perazzo piano  
Marcello Cardillo bateria

Entre todos os nomes que este ano compõe o programa do Guimarães Jazz, aquele que porventura mais claramente corporiza o legado histórico do jazz será, excetuando a Vanguard Jazz Orchestra, o do contrabaixista Buster Williams, cuja biografia musical se compõe de inúmeros capítulos protagonizados ao lado de muitos dos músicos lendários que hoje simbolizam a “idade de ouro” do jazz tais como Art Blakey, Betty Carter, Dexter Gordon, Chick Corea ou Sarah Vaughn – a lista é praticamente interminável. Se tivermos, porém, de selecionar um desses capítulos por forma a assim epitomizar um percurso artístico tão longo e multifacetado como o de Williams, a escolha mais óbvia será porventura a longa relação criativa do contrabaixista com Herbie Hancock em inúmeros projetos e formações que contribuíram decisivamente para moldar a sonoridade do jazz de fusão. O icônico teclista era precisamente um dos membros originais do grupo que apresentamos nesta edição de 2023 do Guimarães Jazz – o quarteto Something New, cujo alinhamento original da primeira edição discográfica (1989) incluía, para além de Williams e de Hancock, o saxofonista Shunzo Ohno e o baterista Al Foster.

Charles Anthony “Buster” Williams nasceu em 1942 em New Jersey (EUA), filho de uma costureira e um contrabaixista amador. Inspirado e encorajado pelo exemplo do pai, Buster Williams deu desde muito cedo mostras de estar decidido a prosseguir uma carreira profissional da música e, com apenas 17 anos, já atuava ao lado de nomes relevantes do jazz da altura como Jimmy Heath, Gene Ammons ou Sunny Stit. Em 1962, após um período de estudos de teoria musical em Camden e em Pittsburg, Buster Williams começa a tocar ao vivo e a gravar com Betty Carter e Sarah Vaughn, que lhe proporcionou a primeira de muitas digressões europeias que viria a fazer ao longo da sua extensa carreira. Com a sua reputação já firmada no circuito jazzístico graças à sua colaboração com as duas lendárias

vocalistas, o contrabaixista regressa a Nova Iorque para iniciar uma série de novas parcerias criativas, nomeadamente com Herbie Hancock e, por extensão, com inúmeros outros músicos (Tony Williams, Wynton Marsalis ou Billy Hart, entre muitos outros) que iriam marcar decisivamente a estética musical dos anos 1970. As décadas seguintes da atividade de Buster Williams foram marcadas, para além da sua carreira como sideman que lhe valeu a reputação de um dos mais sólidos instrumentistas de acompanhamento do circuito jazzístico, pela relação com o guitarrista Larry Coryell e pelo trabalho no âmbito do quarteto cooperativo Sphere (ao lado de Kenny Barron, Ben Riley e Charles Rouse) dedicado à reinterpretação do repertório de Thelonious Monk. Se a impressão digital do estilo e competências técnicas de Buster Williams são facilmente detetáveis na música contemporânea, a presença deste músico na paisagem cultural norte-americana transbordou as fronteiras estritas da arte musical e contaminou o cinema e a televisão, fruto da sua participação em bandas-sonoras de obras como o filme “Clocker’s” de Spike Lee, e, sobretudo, da icónica série televisiva criada por David Lynch, “Twin Peaks”.

A segunda reencarnação do projeto Something More presente na edição de 2023 do Guimarães Jazz é protagonizada por um trio notável de músicos: dois jovens e extremamente talentosos instrumentistas italianos com uma presença proeminente na música global da atualidade (o pianista Tommaso Perazzo e o baterista Marcelo Cardillo) e o já veterano saxofonista Steve Wilson (colaborador de músicos como Michael Brecker, Dave Holland, Dianne Reeves ou Don Byron, entre muitos outros com quem Wilson construiu até à data um currículo discográfico vasto e artisticamente prestigioso).

Among all the names included in the program of Guimarães Jazz’s 2023 edition the one which perhaps most clearly embodies the historical legacy of twentieth century jazz, with the exception of the institution Vanguard Jazz Orchestra, is that of double-bassist Buster Williams, whose musical biography is comprised of countless chapters alongside many of the legendary musicians who nowadays symbolize jazz’s “golden age” such as, among many others, Art Blakey, Betty Carter, Dexter Gordon, Chick Corea or Sarah Vaughn – the list is almost infinite. If we are forced, however, to choose one of those chapters in order to epitomize such a long and multifaceted artistic trajectory, the most obvious

choice would be Buster Williams’ longstanding creative relation with Herbie Hancock in countless projects and formations that contributed decisively to shape the sound of jazz fusion. The famous and iconic keyboardist was precisely one of the members of the original group we are now presenting at Guimarães – the quartet Something New, whose first line-up included, besides Williams and Hancock themselves, Shunzo Ohno on saxophone and Al Foster on drums. Charles Anthony “Buster” Williams was born in 1942 in New Jersey, and, inspired and encouraged by the example of his father, who was an amateur musician himself, Williams displayed since a very young age a ferocious

will to pursue a professional career in music and, at the age of only seventeen, he was already performing alongside relevant jazz musicians of the time such as Jimmy Heath, Gene Ammons or Sunny Stit. In 1962, after a period of studies in musical theory at Camden and Pittsburg, Williams began to perform live and to record with Betty Carter and Sarah Vaughn, who offered him the opportunity to participate in the first of many European tours he would engage in throughout his career. With his reputation in jazz’s circuit already established due to his collaborations with the two aforementioned legendary vocalists, the double-bassist from New Jersey returned to New York in order to begin a

series of new creative partnerships, namely with Herbie Hancock and, by extension, with countless other musicians (Tony Williams, Wynton Marsalis or Billy Hart, among others) who would shape the musical aesthetics of the 1970s jazz. The following decades of Buster William's activity were marked, besides his work as sideman which granted him the reputation of one of the most solid instrumentalists in jazz music, by the relation with guitarist Larry Coryell and by his work in the context of the cooperative quartet Sphere (alongside Kenny Barron, Ben

Riley and Charles Rouse) devoted to the reinterpretation of Thelonious Mon's repertoire. If Buster Williams' stylistic blueprint is easily recognizable in contemporary music, his presence in the North-American cultural landscape of the twentieth century has surpassed the strict frontiers of music and contaminated cinema and television in result of his participation in the recordings of the soundtracks of cinematic works such as the Spike Lee's movie "Clocker's" and, above all, the iconic television series "Twin Peaks" created by the great David Lynch.

The reincarnation of the project Something New that we will be present at Guimarães Jazz is formed by a remarkable trio of musicians: two young and extremely talented Italian instrumentalists with a prominent presence in today's global music (pianist Tommaso Perazzo and drummer Marcelo Cardillo) and veteran saxophonist Steve Wilson (a collaborator of musicians such as Michael Brecker, Dave Holland, Dianne Reeves or Don Byron, among many others alongside whom Wilson built his own prestigious and vast discographic curriculum).



© Direitos reservados

## Projeto Sonoscopia / Guimarães Jazz Elliott Sharp

**SÁBADO 18**  
CCVF / PEQUENO AUDITÓRIO

Elliott Sharp guitarra elétrica

Num ano em que as tendências de experimentação, tanto no interior da própria prática jazzística, como nas suas órbitas contemporâneas, assumem porventura maior preponderância no programa do festival do que em edições anteriores, a parceria que o Guimarães Jazz mantém, desde há vários anos, com o coletivo da Sonoscopia merece um destaque que é justificado, entre todas as outras razões intrínsecas ao próprio projeto, pelo peso do nome e pela enorme influência artística do músico que em 2023 foi escolhido para a protagonizar: o compositor e multinstrumentista norte-americano Elliot Sharp.

Nascido em 1951, Elliot Sharp é, em virtude do seu corpo trabalho multifacetado e extraordinariamente criativo ao longo das últimas quatro décadas, uma das figuras centrais da cena avant-garde nova-iorquina da atualidade. Um músico com formação em piano clássico e um sólido currículo académico, que incluiu estudos de composição musical, jazz, antropologia e eletrónica em instituições académicas de prestígio, Sharp cedo se desviou das trajetórias musicais normativas para se aventurar pelos territórios mais instáveis, embora mais desafiantes artisticamente, da experimentação sem fronteiras estilísticas ou estéticas, sendo disso prova as suas precoces explorações, inspiradas pelas obras musicais e teóricas de Karlheinz Stockhausen, Iannis Xenakis ou de Harry Partch, das sonoridades eletrónicas geradas pela manipulação de moduladores e osciladores. No final dos anos 1970, sob a influência tanto dos compositores de vanguarda anteriormente referidos como pela guitarra de Jimi Hendrix e pela lírica em fluxo de consciência de Bob Dylan, Elliot Sharp inicia o seu percurso profissional na música, inaugurando assim um trajeto criativo multidimensional e eclético suportado fundamentalmente na intersecção dos inúmeros territórios artísticos da contemporaneidade, desde a composição orquestral à improvisação livre, do jazz até à música eletrónica, da qual é considerado um dos pioneiros em virtude das suas experimentações com computadores e algoritmos no âmbito do projeto Virtual Stance, na já distante década de 1980. Um multinstrumentista focado sobretudo na exploração da guitarra, embora seja

também fluente no saxofone e no clarinete, Sharp colaborou ao longo da sua carreira com nomes epicentrais da música global, tais como, entre muitos outros, Jack DeJohnette, Sonny Sharrock, Debbie Harry, Eric Mingus, Zeena Parkins ou Nusrat Fateh Ali Khan, e as suas composições foram interpretadas por ensembles prestigiados como o Kronos Quartet ou a hr-Sonfonieorchester e apresentadas em festivais de música e de arte um pouco por todo o mundo. A sua atividade artística transborda, no entanto, as fronteiras estritas da criação musical, projetando-se também na curadoria pontual de exposições, na escrita, no ensino e na produção de edições discográficas de outros músicos. Evidentemente, o resumo de uma carreira tão profícua como a de Sharp não ficaria completa sem a referência às várias formações que liderou ao longo dos anos, entre as quais podemos destacar a banda de hardcore/jazz/blues Terraplane, com a qual gravou recentemente o álbum “Century” (2021) e que é considerada um dos seus projetos musicalmente mais acessíveis.

A edição do Guimarães Jazz de 2023 terá assim a honra de poder apresentar, numa performance a solo, aquele que é uma das figuras maiores em atividade da música de tendência exploratória do século XXI. Consuma-se assim com este concerto o regresso aos palcos portugueses de um artista aventureiro, íntegro e fiel representante dos ímpetus criativos que, através da confluência da tradição europeia e das linguagens musicais modernas do jazz, do blues, da eletrónica e da pop, permitiram o florescimento das expressões mais livres e fecundas da arte contemporânea ocidental dos últimos cem anos.

of the pioneers due to his experimentations with computers and algorithms during the 1980s in the context of the project Virtual Stance. A multi-instrumentalist focused mainly on his approach to guitar, although he is also fluent in saxophone and clarinet, Sharp has collaborated throughout his career with crucial names of global music such as, among many others, Jack DeJohnette, Sonny Sharrock, Debbie Harry, Eric Mingus, Zeena Parkins or Nusrat Fateh Ali Khan, and his compositions, performed by prestigious ensembles such as the Kronos Quartet or the hr-Sonfonierchester were presented at music and art festivals all around the

world. His artistic activity, however, goes far beyond the strict borders of musical creation, since it is also expanded by the sporadic curatorship of exhibitions, his writings, his teaching activity and the production of albums of other musicians. Evidently, the summary of such prolific career such as that of Elliot Sharp would not be complete without the reference to the several formations that he led, among which we may highlight the hardcore/jazz/blues band Terraplane, with whom he just recently recorded the album “Century” (2021) and which is considered one of his most accessible musical projects. The Guimarães Jazz 2023

edition will thus have the honor the present, in a solo performance, one of the greatest artists in activity in the field of avant-garde and exploratory music of the twenty-first century. This concert represents the return to the Portuguese stages of an adventurous musician and a faithful representative of the creative impetus that, through the confluence of European tradition with the modern musical languages of jazz, blues, electronics and pop, allowed the flourishing of the freest and more fertile expressions in Western contemporary art.

In a year when the tendencies of experimentation, both within jazz as well as in the context of its contemporary orbits, are perhaps more prominent in this program of the festival than in previous editions, the partnership between the collective Sonoscopia and Guimarães Jazz is worth of an special emphasis due to, among all the other reasons intrinsic to this project, the prestige and the enormous artistic influence of the musician who in 2023 was chosen to embody it: the great composer and multi-instrumentalist Elliot Sharp. Born in Cleveland in 1951, Elliot Sharp is one of the crucial figures of New York's

avant-garde musical scene due to his multifaceted and extraordinarily creative body of work developed throughout the last four decades. A musician trained in classical piano and with a solid academic curriculum that included studies in music composition, jazz, anthropology and electronics at prestigious educational institutions of the United States, Sharp soon deviated from the normative musical trajectories in order to venture through the more unstable, although more artistically stimulating, territories of experimentalism beyond stylistic or aesthetic borders, as proven by his precocious explorations,

inspired by the musical and theoretical works of Karlheinz Stockhausen, Iannis Xenakis or Harry Partch, of the electronic sounds generated by modulators and oscillators. In the late 1970s, under the influence of both the aforementioned avant-garde composers as well as by Jimi Hendrix's guitar style and Bob Dylan's lyrical flow of conscience, Elliot Sharp began his multidimensional creative trajectory, fundamentally based on the intersection of numerous contemporary artistic fields and languages, from orchestral composition to free improvisation, from jazz to electronic music, of which he is considered one



# Landline Plus One

Jacob Sacks, Chet Doxas,  
Vinnie Sperrazza,  
Zack Lober, Suzan Veneman

SÁBADO 18  
CCVF / PEQUENO AUDITÓRIO

Jacob Sacks piano · Chet Doxas saxofone · Vinnie Sperrazza bateria ·  
Zack Lober contrabaixo · Suzan Veneman trompete

O grupo Landline é um ensemble de composição coletiva, improvisação e colaboração interdisciplinar fundado em 2018 por três músicos sedeados em Nova Iorque – o pianista Jacob Sacks, o saxofonista Chet Doxas e o baterista Vinnie Sperrazza – e um contrabaixista, Zack Lober, atualmente a residir na Holanda. Na sua residência em Guimarães esta formação será expandida pela presença da trompetista holandesa Suzan Veneman, uma jovem instrumentista e compositora cujo trabalho tem criado uma forte impressão nos circuitos jazzísticos norte-americanos, daí a denominação específica de Landline Plus One nesta edição do Guimarães Jazz.

Oriundo do Michigan, EUA, Jacob Sacks é considerado um dos pianistas mais criativos da cena jazzística nova-iorquina da atualidade e um músico com uma relação de grande proximidade com o Guimarães Jazz, fruto de colaborações passadas com a editora TOAP e com o projeto ZERO do saxofonista João Guimarães. Um antigo aluno da Manhattan School of Music, Sacks integrou ao longo de vinte e cinco anos de carreira variadíssimas formações e ensembles, desde o septeto de Paul Motian e octeto da David Binney até à Mingus Big Band, e colaborou com alguns dos nomes mais relevantes do jazz contemporâneo tais como Tim Berne, Ralph Alessi ou Chris Potter. Em paralelo ao seu trabalho como sideman e colaborador, Jacob Sacks desenvolve um trabalho composicional para piano solo e lidera vários ensembles.

O saxofonista, clarinetista e compositor canadiano Chet Doxas iniciou o seu percurso musical integrado num ensemble de swing em Montreal. Desde a sua mudança para Nova Iorque, em 2014, Doxas editou oito registos discográficos em nome próprio e participou em mais de cem álbuns de outros artistas, tendo colaborado com um número significativo de músicos importantes do jazz e da música pop, nomeadamente Carla Bley, Dave Douglas ou Rufus Wainright, para citar apenas alguns. Entre os projetos pessoais de Chet Doxas podemos destacar a banda Rich in Symbols, cujo reportório é inspirado pelas artes visuais, e o trio que mantém com o pianista Jacob Sacks e contrabaixista Thomas Morgan.

Vinnie Sperrazza é um baterista nova-iorquino cuja porta de entrada no circuito jazzístico foi, em sentido contrário ao percurso da maioria dos músicos, o seu primeiro álbum de originais, “Apocryphal”, editado em 2014 após uma fase de dedicação mais ao estudo e ao ensino de música do que à criação artística. Desde então, Sperrazza iniciou uma colaboração com o pianista e compositor Ethan Iverson no contexto do grupo de dança dirigido por Mark Morris e mantém uma intensa atividade profissional integrado em diferentes formações, nomeadamente o sexteto de Hank Roberts, o ensemble Choir Invisible e o Michael Formanek Drome Trio, entre outros projetos. Além do seu trabalho estritamente musical, Sperrazza escreve regularmente sobre história e teoria do jazz.

Um instrumentista reputado na cena jazzística contemporânea, o contrabaixista e compositor natural do Canadá, Zack Lober é o cofundador do aclamado grupo “The Story” (presente no Guimarães Jazz de 2010) e líder do “Ancestry Project”, um projeto multidisciplinar de performance, música e vídeo. Para além do seu trabalho de pendor autoral, Lober colabora como sideman de inúmeras figuras seminais do jazz actual, entre as quais podemos destacar os nomes de Henry Threadgill, David Binney e Butch Morris, bem como de vários artistas identificados com o universo da música pop-rock, como Billy Idol ou Ian Astbury da banda The Cult.

Suzan Veneman é uma jovem trompetista, compositora e arranjadora holandesa formada nos Estados Unidos da América e com uma trajetória ascendente no circuito jazzístico internacional, tanto europeu como norte-americano. Uma instrumentista versátil, Veneman colabora com vários ensembles, incluindo a Jazz Orchestra of the Concertgebouw, a Millennium Jazz Orchestra, o projeto NO FILL3R de Zach Lober e o Patrieck Bonnet Quintet, ao mesmo tempo que lidera um sexteto em nome próprio, com o qual gravou o seu álbum de estreia, “Migrations of the Mind”, em 2022.

The band Landline is an ensemble of collective composition, improvisation and interdisciplinary collaboration founded in 2018 by three New York-based musicians— pianist Jacob Sacks, saxophonist Chet Doxas and drummer Vinnie Sperrazza – and a Canadian double-bassist, Zack Lober, currently residing in the Netherlands. In their residency at Guimarães, this group will be expanded by the presence of Dutch trumpeter Suzan Veneman, a young instrumentalist and composer whose work has caused a strong impression in the jazz circuits of the United States, hence the

specific denomination of this group as Landline Plus One. A native of Michigan, Jacob Sacks is currently considered one of the most creative pianists of the New York jazz scene and a musician with a close relationship with Guimarães Jazz, due to his previous collaborations with the Portuguese recording label TOAP and in the context of the project Zero led by saxophonist João Guimarães. A former student of the Manhattan School of Music, Sacks was, throughout the twenty-five years of his career, a member of several formations and ensembles, ranging from Paul Motian's

septet and David Binney's octet to the Mingus Big Band, and collaborated with some of the most relevant names of contemporary jazz such as, among others, Tim Berne, Ralph Alessi or Chris Potter. In parallel to his work as sideman, Jacob Sacks pursues a relevant activity as composer for piano solo and is the leader of various ensembles. Canadian saxophonist, clarinetist and composer Chet Doxas began his musical trajectory as a member of a swing ensemble from Montreal. Ever since he moved to New York, in 2014, Doxas released eight albums under his own name and

participated in more than a hundred recordings for other musicians., having collaborated with a significant number of important names of jazz and pop-rock, namely Carla Bley, Dave Douglas and Rufus Wainright, just to name a few. Among Doxas' personal projects we may highlight the band Rich in Symbols, whose repertoire is inspired by visual artists, and the trio he maintains alongside pianist Jacob Sacks and double-bassist Thomas Morgan. Vinnie Sperrazza is a drummer from New York whose entryway to the jazz circuit was, in opposition to the trajectory followed most musicians, marked by his first album as leader, "Apocryphal", released in 2014 after a period devoted more to the study and teaching of music than to the artistic creation. Since then, Sperrazza begun a collaboration with pianist and composer Ethan Iverson

in the context of the dance group directed by choreographer Mark Morris, and develops an intense work with different formations, namely Hank Roberts' septet, the ensemble Choir Invisible and Michael Formanek's Drome Trio, among other projects. Besides his strictly musical activity, Sperrazza also writes regularly about jazz history and theory. A reputed instrumentalist of the contemporary jazz scene, double-bassist and composer from Canada Zack Lober is the co-founder of the critically acclaimed group The Story (present at the 2010 edition of Guimarães Jazz) and the leader of the "Ancestry Project", a multidisciplinary project of performance, music and video. Besides his authorial work, Lober also collaborates as sideman with many seminal figures of jazz music, among whom we may highlight the names of Henry

Threadgill, David Binney and Butch Morris, as well as of several artists identified with the universes of pop and rock music, such as Billy Idol or Ian Astbury, the frontman of the band The Cult. Suzan Veneman is a young Dutch trumpeter, composer and arranger academically trained in the United States and with an ascendent trajectory in the international jazz circuits, both European and North-American. A versatile instrumentalist, Veneman collaborates with various ensembles, including the Jazz Orchestra of the Concertgebouw, the Millenium Jazz Orchestra, Zack Lober's project NOFILL3R and the Patrick Bonnet Quintet, and is at the same time the leader of a sextet under her own name, which in 2022 released her debut album, entitled "Migrations of the Mind".



# Kathrine Windfeld Big Band featuring Gilad Hekselman e Immanuel Wilkins

**SÁBADO 18**  
CCVF / GRANDE AUDITÓRIO FRANCISCA ABREU

**Immanuel Wilkins** saxofone · **Gilad Hekselman** guitarra · **Kathrine Windfeld** piano, composições · **André Bak, Rolf Thofte Løkke, Magnus Oseth** trompetes · **Göran Abelli, Gustaf Wiklund, Anders Larson** trombones · **Jakob Lundbak, Magnus Thuelund, Roald Elm Larsen, Ida Wretling, Jacob Danielsen** saxofones · **Johannes Vaht** contrabaixo · **Henrik Holst Hansen** bateria

Se a abertura do Guimarães Jazz poderá ser considerada uma homenagem, ou um testemunho, conforme a interpretação, da tradição jazzística orquestral novaiorquina (como sabemos, uma das cidades epicentrais da entrada do jazz no fluxo da modernidade), o encerramento propõe ao público do festival a apresentação de um dos exemplos mais elogiados pela crítica especializada da nova vaga de orquestras europeias, em virtude do cruzamento original das especificidades composicionais e estilísticas do jazz com os princípios matriciais da música clássica oriunda do Velho Continente: a big band dirigida pela compositora e arranjadora dinamarquesa Kathrine Windfeld, um dos nomes em maior destaque no contexto da música escandinava. Neste concerto em particular, a música do ensemble liderado por Windfeld será acompanhada por quinze instrumentistas escandinavos de inegável competência técnica e expandida pelos solistas Immanuel Wilkins e Gilad Hekselman, dois músicos de inegável talento e virtuosismo da nova geração do jazz, cuja sensibilidade musical encontra correspondência e expressão nas composições da jovem compositora dinamarquesa.

Originária da Dinamarca, Kathrine Windfeld é considerada uma das precursoras da nova vaga do jazz orquestral europeu, em virtude de um estilo composicional delicado composto de harmonias sofisticadas e impregnado por um pendor poético. A carreira desta compositora, arranjadora e pianista, iniciada após um período de formação em jazz e musicologia, conhece o seu primeiro capítulo em 2011 com a fundação do seu sexteto, uma formação que ainda hoje permanece ativa, mas os anos seguintes determinaram uma inflexão de foco na composição para o formato de big band. Em 2014 Windfeld forma a sua própria orquestra de quinze músicos e grava o seu álbum de estreia, "Aircraft", a que se sucederam três edições discográficas em nome próprio, nomeadamente o mais recente álbum "Determination" de 2021 (este em colaboração com a Bohuslän Big Band), que contribuíram decisivamente para estabelecer a reputação crítica da jovem compositora dinamarquesa.

Para além do seu trabalho na direção dos seus ensembles, Kathrine Windfeld é também colaboradora regular de algumas das mais prestigiadas orquestras de jazz da Europa, como a Frankfurt Radio Big Band ou a Helsinki Jazz Orchestra, colaborações que confirmam o atual estatuto de proeminência deste nome promissor da música europeia.

O israelita Gilad Hekselman, nascido em 1983, é considerado, desde a sua chegada a Nova Iorque em 2004, um dos guitarristas em destaque na cena jazzística nova-iorquina, graças a colaborações com grandes nomes da música do presente, como Chris Potter, Eric Harland ou Fred Hersch, e a uma trajetória persistente e relevante como líder de formação. A sua carreira discográfica inaugurou-se em 2006 com o álbum de estreia “Split Life” e, desde então, conheceu três novos capítulos que contribuíram para afirmar a reputação de Hekselman no circuito do jazz norte-americano.

De ascendência afro-americana e com uma sólida formação musical na prestigiada Juilliard School, o saxofonista Immanuel Wilkins é atualmente um nome em ascensão no jazz, em virtude de colaborações com músicos incontornáveis da música contemporânea, tais como Jason Moran, Bob Dylan ou Wynton Marsalis. Em paralelo, Wilkins mantém também uma atividade persistente como compositor e líder de formação materializada recentemente no seu álbum de estreia “Omega”, editado em 2020 e gravado ao lado de Micah Thomas, Daryl Johns e Kweku Sumbry.



If the opening of the Guimarães Jazz 2023 edition can be perceived as an homage, or a testimony (depending on the point of view), of the orchestral jazz tradition of New York (as we know, one of the epicentral cities of jazz's entry in the flux of modernity), its closing will present to the festival's audience one of the most highly praised examples of the new wave of European orchestras, due to its original crossing of the stylistic and compositional specificities of jazz with the matrixial principles of the classical music from the Old Continent: the big

band directed by the Danish composer and arranger Kathrine Windfeld, one of the most highlighted names of the Scandinavian music of the present. At this particular concert, the music of the ensemble led by Windfeld will be interpreted by fifteen Scandinavian musicians of undeniable technical competence and expanded by the contribution of the soloists Immanuel Wilkins and Gilad Hekselman, two highly skilled musicians of the new generation of jazz whose musical sensibility matches perfectly the expressivity conveyed by the compositions of the

young Danish composer. A native of Denmark, Kathrine Windfeld is considered one of the precursors of the new wave of European orchestral jazz, due to her delicate compositional style informed by sophisticated harmonies and impregnated by a poetic tone. The career of this composer, arranger and pianist, inaugurated after a period of studies in jazz and musicology, began its first chapter in 2011 with the foundation of her sextet, a formation which is still active today, although the following years were defined by an inflexion of focus to the composition for big bands.

In 2014 Windfeld founded her own orchestra of fifteen musicians and recorded her debut album, “Aircraft”, which was succeeded by three other discographic editions under her own name, namely the most recent “Determination”, released in 2021 (in collaboration with the Bohuslän Big Band), a recording that decisively contributed to establish the critical reputation of the young Danish composer. Besides the work directing her own ensembles, Kathrine Windfeld is also a regular collaborator of some of the most prestigious European jazz orchestras, such as the Frankfurt Radio Big Band or the Helsinki Jazz Orchestra, collaborations

that attest the current status of prominence held by this rising star of global jazz. Gilad Hekselman, born in 1983 in Israel, is considered since his arrival to New York, in 2004, one of the most prominent guitarists of this city's musical scene, due to his collaborations with great names of contemporary jazz such as Chris Potter, Eric Harland or Fred Hersch, and to his persistent and relevant trajectory as leader. Hekselman's discographic career was inaugurated in 2006 with his debut album “Split Life” and, since then, he added three other chapters to his body of work, thereby establishing his reputation within the circuit of North-American jazz.

Of Afro-American descent and solid academic education at the reputed Juilliard School, the saxophonist Immanuel Wilkins is currently considered a rising star of contemporary jazz, thanks to his collaborations with crucial luminaries of music such as, among others, Jason Moran, Bob Dylan or Wynton Marsalis. In parallel to his collaborative work, Wilkins develops a pertinent activity as composer and leader that was recently materialized in his debut album, “Omega”, released in 2020 and recorded alongside Micah Thomas, Daryl Johns and Kweky Sumbry.



# ATIVIDADES PARALELAS

## Jam Sessions Landline Plus One

QUINTA 9 A SÁBADO 11  
CONVÍVIO ASSOCIAÇÃO CULTURAL / 23H59-02H00

QUINTA 16 A SÁBADO 18  
CCVF / CAFÉ CONCERTO / 23H59-02H00

---

Jacob Sacks piano · Chet Doxas saxofone ·  
Vinnie Sperrazza bateria · Zack Lober contrabaixo ·  
Suzan Veneman trompete

As jam sessions conferem ao Guimarães Jazz uma das suas facetas identificadas. A sua componente de improvisação revela o lado mais informal do jazz, permitindo que o público a possa ouvir num ambiente mais direto e próximo dos músicos. Este ano, as jam sessions no Convívio Associação Cultural e no Café Concerto do CCVF serão protagonizadas pelo ensemble Landline Plus One, coliderado pelo pianista Jacob Sacks, o saxofonista Chet Doxas, o contrabaixista Zack Lober, o baterista Vinnie Sperrazza e a trompetista Suzan Veneman.

The jam sessions are certainly one of the most identifying marks of Guimarães Jazz. It is this improvisational perspective that unveils the more informal nature of jazz, one that both allows the public

to appreciate this musical form in a more direct way and brings audiences closer to the musicians. This year, the jam sessions at the Convívio Cultural Association and at the CCVF Café Concerto will

be directed by the ensemble Landline Plus One, co-led by pianist Jacob Sacks, saxophonist Chet Doxas, bassist Zack Loer, drummer Vinnie Sperrazza and trumpeter Suzan Veneman.

## Oficinas de Jazz Landline Plus One

SEGUNDA 13 A SEXTA 17  
CCVF / 14H30-17H30

---

Jacob Sacks piano · Chet Doxas saxofone ·  
Vinnie Sperrazza bateria · Zack Lober contrabaixo ·  
Suzan Veneman trompete

As oficinas do Guimarães Jazz proporcionam aos estudantes que aspiram a uma carreira profissional na música uma experiência única de trabalho criativo com músicos de elevada qualidade técnica e envolvidos nalguns dos contextos mais fervilhantes da criação jazzística contemporânea. Estas oficinas são, tal como as jam sessions, orientadas pelos músicos residentes que se deslocam propositadamente a convite do festival e se fixam em Guimarães durante duas semanas por forma a cumprir este propósito educativo de primordial relevância. Este ano, as oficinas serão dirigidas pelo ensemble de composição coletiva, improvisação e colaboração interdisciplinar Landline Plus One, composto pelo pianista Jacob Sacks, o saxofonista Chet Doxas, o contrabaixista Zack Lober, o baterista Vinnie Sperrazza e a trompetista Suzan Veneman.

The jazz workshops offer the jazz students who aspire to a professional career in music a unique experience of creative work alongside musicians of high-level skills and who are involved in some of the most exciting and challenging contexts of modern jazz. The workshops, as well as the

jam sessions, are directed by resident musicians who travel to Guimarães and stay in residency city for two weeks with specific purpose of accomplishing this educational objective of primordial relevance to the festival. In 2023 the workshops will be collectively directed by

the ensemble of composition, improvisation and interdisciplinary collaboration Landline Plus One, formed by pianist Jacob Sacks, saxophonist Chet Doxas, bassist Zack Loer, drummer Vinnie Sperrazza and trumpeter Suzan Veneman.

**90 eur**

ASSINATURA  
DO FESTIVAL  
Acesso a todos os  
concertos

### **DESCONTOS (c/d)**

Cartão Jovem, Menores  
de 30 anos e Estudantes  
Cartão Municipal de  
Idoso, Reformados e  
Maiores de 65 anos  
Cartão Municipal  
das Pessoas com  
Deficiência; Deficientes e  
Acompanhante  
Sócios do Convívio  
Ass. Cultural

Cartão Quadrilátero  
Cultural  
desconto de 50%

### **VENDA BILHETES**

oficina.bol.pt  
Centro Cultural Vila Flor  
Centro Internacional  
das Artes José de  
Guimarães  
Casa da Memória de  
Guimarães  
Loja Oficina  
Lojas Fnac, El Corte  
Ingles, Worten  
Entidades aderentes da  
Bilheteira Online

### **MAIS INFORMAÇÃO**

www.aoficina.pt

Maiores de 6

### **> 20% DESCONTO**

2  
ESPETÁCULOS  
à escolha

### **> 30% DESCONTO**

3  
ESPETÁCULOS  
à escolha

### **> 40% DESCONTO**

4  
ESPETÁCULOS  
à escolha



Para comprar bilhetes  
para os espetáculos,  
por favor utilize  
este QR Code.

## **ATIVIDADES PARALELAS**

Qui 9 a Sáb 11 nov  
23h59-02h00  
Convívio Ass. Cultural

### **Jam Sessions Landline Plus One**

3,00 eur  
Entrada gratuita para quem  
possuir bilhete do concerto  
do Grande Auditório do CCVF  
desse dia.

Seg 13 a Sex 17 nov  
14h30-17h30  
CCVF

### **Oficinas de Jazz Landline Plus One**

Inscrição gratuita,  
sujeita ao pagamento de uma  
caução no valor de 25,00 eur  
(que será reembolsada caso o  
participante esteja presente em  
pelo menos 80% da atividade ou  
em caso de desistência até ao  
dia 9 de novembro)

Qui 16 a Sáb 18 nov  
23h59-02h00  
CCVF / Café Concerto

### **Jam Sessions Landline Plus One**

3,00 eur  
Entrada gratuita para quem  
possuir bilhete do concerto  
do Grande Auditório do CCVF  
desse dia.

Qui 9 nov · 21h30  
CCVF / Grande Auditório  
Francisca Abreu

### **Vanguard Jazz Orchestra Thad Jones 100**

15,00 eur / 10,00 eur c/d

Sex 10 nov · 21h30  
CCVF / Grande Auditório  
Francisca Abreu

### **Aaron Parks Quartet**

15,00 eur / 10,00 eur c/d

Sáb 11 nov · 15h00  
CCVF / Pequeno Auditório

### **Projeto Centro de Estudos de Jazz - Univ. Aveiro / Guimarães Jazz**

### **Pedro Molina Quartet**

10,00 eur / 7,50 eur c/d

Sáb 11 nov · 18h00  
CCVF / Pequeno Auditório

### **Maya Homburger, Agustí Fernández, Barry Guy Trio**

10,00 eur / 7,50 eur c/d

Sáb 11 nov · 21h30  
CCVF / Grande Auditório  
Francisca Abreu

### **Michael Formanek Septet "New Digs"**

15,00 eur / 10,00 eur c/d

Dom 12 nov · 17h00  
CCVF / Grande Auditório  
Francisca Abreu

### **Projeto Orquestra de Jazz da ESMAE / Guimarães Jazz Dirigido por Landline Plus One**

Entrada gratuita, até ao limite da  
lotação da sala

Dom 12 nov · 21h30  
CIAJG / Black Box

### **Projeto Porta-Jazz / Guimarães Jazz [Soma]**

10,00 eur / 7,50 eur c/d

Qui 16 nov · 21h30  
CCVF / Grande Auditório  
Francisca Abreu

### **Projeto Orquestra de Guimarães / Guimarães Jazz <sup>com</sup> Mário Costa**

15,00 eur / 10,00 eur c/d

Sex 17 nov · 21h30  
CCVF / Grande Auditório  
Francisca Abreu

### **Buster Williams & Something More**

15,00 eur / 10,00 eur c/d

Sáb 18 nov · 15h00  
CCVF / Pequeno Auditório

### **Projeto Sonoscopia / Guimarães Jazz Elliott Sharp**

10,00 eur / 7,50 eur c/d

Sáb 18 nov · 18h00  
CCVF / Pequeno Auditório

### **Landline Plus One Jacob Sacks, Chet Doxas, Vinnie Sperrazza, Zack Lober, Suzan Veneman**

10,00 eur / 7,50 eur c/d

Sáb 18 nov · 21h30  
CCVF / Grande Auditório  
Francisca Abreu

### **Kathrine Windfeld Big Band <sup>featuring</sup> Gilad Hekselman <sup>e</sup> Immanuel Wilkins**

15,00 eur / 10,00 eur c/d

# A OFICINA

## Direção

### Management Board

#### **Presidente > President**

Paulo Lopes Silva

(Câmara Municipal de Guimarães)

#### **Vice-Presidente >**

##### **Vice-President**

António Augusto Duarte Xavier

#### **Tesoureiro > Treasurer**

Maria Soledade da

Silva Neves

#### **Secretário > Secretary**

Jaime Marques

#### **Vogal > Member**

José Manuel Martins Marques

(Casa do Povo de Fermentões)

## Conselho Fiscal

### Statutory Audit Committee

#### **Presidente > President**

José Fernandes

(Câmara Municipal de Guimarães)

#### **Vogal > Member**

Maria Mafalda da Costa

de Castro Ferreira Cabral

(Taipas Turitermas, CIPRL)

#### **Vogal > Member**

Djalme Alves Silva

## Mesa da Assembleia Geral

### General Meeting's Board

#### **Presidente > President**

Lino Moreira da Silva

(Câmara Municipal de Guimarães)

#### **Vice-Presidente >**

##### **Vice-President**

Manuel Ferreira

#### **Secretário > Secretary**

Filipa João Oliveira Pereira

(CAR – Círculo de Arte e Recreio)

## **Direção Executiva**

### **Executive Direction**

Hugo Tavares de Freitas

#### **Assistente de Direção**

##### **Assistant Director**

Anabela Portilha

#### **Direção Artística CCVF e Artes**

##### **Performativas > CCVF and Performing**

##### **Arts Artistic Direction**

Rui Torrinha

#### **Direção Artística CDMG e Artes Tradicionais**

##### **> CDMG and Traditional**

##### **Arts Artistic Direction**

Catarina Pereira

Inês Oliveira, Teresa Machado

(Gestão do Património > Heritage Management)

#### **Direção Artística CIAJG e Artes Visuais >**

##### **CIAJG and Visual Arts Artistic Direction**

Marta Mestre

#### **Direção Artística Teatro Oficina >**

##### **Teatro Oficina Artistic Direction**

Mickaël de Oliveira

(Direção Artística Convidada 2023-2024 >

Guest Artistic Director 2023-2024)

#### **Programação Guimarães Jazz e Curadoria**

##### **Palácio Vila Flor > Guimarães Jazz**

##### **Programming and Palácio Vila Flor Curator**

Ivo Martins

#### **Assistente de Direção Artística >**

##### **Artistic Director Assistant**

Cláudia Fontes

#### **Educação e Mediação Cultural >**

##### **Education and Cultural Service**

Francisco Neves (Direção > Director),

Ana Catarina Aidos, João Lopes,

Marisa Moreira, Marta Silva

#### **Produção > Production**

Susana Pinheiro (Direção > Director),

Ana Sousa, Andreia Abreu,

Andreia Novais, Hugo Dias, Nuno Ribeiro,

Rui Rodrigues, Rui Salazar, Sofia Leite

## **Técnica > Technical Staff**

Carlos Ribeiro (Direção > Director),

Ana Fernandes (Direção de Cena >

Stage Manager), Diogo Teixeira,

João Castro, João Guimarães,

João Diogo, João Oliveira,

Ricardo Santos, Rui Eduardo Gonçalves,

Sérgio Sá

#### **Serviços Administrativos e Financeiros >**

##### **Administrative and Financial Services**

Helena Pereira (Direção > Director),

Ana Carneiro, Carla Inácio, Liliana Pina,

Marta Miranda, Pedro Pereira,

Sofia Sousa, Susana Costa

#### **Relações Públicas, Financiamentos e**

##### **Mecenato > Public Relations, Funding**

##### **and Cultural Patronage**

Sérgio Sousa (Direção > Director),

Andreia Martins, Jocélia Gomes,

Josefa Cunha, Manuela Marques,

Sylvie Simões (Atendimento ao Público >

Public Attendance)

#### **Instalações > Facilities**

Luís Antero Silva (Direção > Director),

Joaquim Mendes, Rui Gonçalves (Assistentes

> Assistants), Jacinto Cunha, José Machado

(Manutenção e Logística > Maintenance and

Logistics), Amélia Pereira, Carla Matos,

Conceição Leite, Conceição Oliveira,

Josefa Gonçalves, Maria de Fátima Faria,

Rosa Fernandes, Sónia Alves

(Manutenção e Limpeza > Maintenance

and Cleaning)

#### **Comunicação > Communication**

Marta Ferreira (Direção > Director),

Bruno Borges Barreto (Assessoria de Imprensa

> Press Office), Carlos Rego (Distribuição >

Distribution), Paulo Dumas, Pedro Magalhães,

Rui Costa (Comunicação Digital >

Digital Communication),

Eduarda Fontes, Susana Sousa (Design)



Centro Cultural  
VILA FLOR

Av. D. Afonso Henriques, 701  
4810-431 Guimarães  
Tel. (+351) 253 424 700  
geral@ccvf.pt  
www.ccvf.pt



centro internacional das artes  
José de Guimarães

Av. Conde de Margaride, 175  
4810-535 Guimarães  
Tel. (+351) 253 424 715  
geral@ciajg.pt  
www.ciajg.pt



Largo da Misericórdia, 7 e 8  
4800-413 Guimarães  
Tlm. (+351) 968 482 455  
convivio.gmr@gmail.com

Organização



Cofinanciamento



Media Partner



